



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL  
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

MURILLO LEONIDAS SOUZA JUNIOR

**APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA À LUZ DO ENSINO RELIGIOSO**

BELÉM – PARÁ  
2013



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL  
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

MURILLO LEONIDAS SOUZA JUNIOR

**APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA À LUZ DO ENSINO RELIGIOSO**

**Trabalho de Conclusão de Curso**  
apresentado como requisito final para  
obtenção do grau de Bacharel em Teologia  
pela Faculdade Teológica Batista Equatorial;  
orientador: Prof. Ddo. Benildo Veloso da  
Costa.

BELÉM – PARÁ  
2013

S729a

Souza Junior, Murillo Leonidas

Aprendizagem significativa à Luz do Ensino Religioso / Murillo Leonidas Souza Junior; Orientador: Benildo Veloso da Costa. Belém: 2013.

48f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Teológica Batista Equatorial - FATEBE, Curso Bacharelado em Teologia, Belém, 2013.

1. Teologia. 2. Aprendizagem - Religião. 3. Ensino Religioso. 4. Religião. 5. Costa, Benildo Veloso. I. Título.

CDD 268

## **NOMINATA**

### **MANTENEDOR DA FATEBE**

Seminário Teológico Batista Equatorial - STBE

#### **Diretor Geral**

Dr. David Bowman Riker, Ph.D

## **A FATEBE**

#### **Diretor Geral**

Dr. David Bowman Riker, Ph.D

#### **Diretor Acadêmico**

Prof. Ddo. José Carlos de Lima Costa

#### **Diretor Administrativo-Financeiro**

Pr. Antonio Ronaldo Fermiano de Souza

#### **Secretária e Gestora Acadêmica**

Bel. Sheila Sousa

#### **Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação / Coordenador de TCC**

Prof. Me. Élcio Sant'Anna

#### **Coordenador Acadêmico (Teologia)**

Prof. Ddo. José Carlos de Lima Costa

#### **Professor Orientador**

Prof. Ddo. Benildo Veloso da Costa

#### **Composição do Texto**

Murillo Leonidas Souza Junior

# APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA À LUZ DO ENSINO RELIGIOSO

MURILLO LEONIDAS SOUZA JUNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Bacharelado em Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista Equatorial/ orientado pelo Prof. Ddo. Benildo Veloso da Costa.

Banca Examinadora:

1. \_\_\_\_\_  
Benildo Veloso – Prof. Orientador
2. \_\_\_\_\_  
Samuel Campos – Prof. Avaliador
3. \_\_\_\_\_  
Élcio Sant’Anna – Prof. Avaliador

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

“Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo trazendo os seus feixes”.

Salmos 126:6

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus pelo cuidado, direção e força dispensada não me deixando desistir nos momentos de dificuldades.

À minha amada família, principalmente, minha Mãe Maria Tereza minha maior incentivadora e pelo meu pai Murillo Leonidas torcedor silencioso, irmão Rômulo Belfort pelo incentivo em todos os momentos mais crítico da nossa família e difíceis do curso.

Agradeço ao Dr. Riker pela compreensão e auxílio financeiro, apoio emocional e pastoral quando preciso foi. Ao Pr. Antônio Ronaldo pelo apoio nos momentos pessoais, Maria Eunice Lucas sempre disposta a me ajudar apoiar e lutar se caso precisa-se eu não tenho como recompensar meus colegas de trabalho destacando Sr. Isac Montelo e Raimunda Olivia de Melo a conhecida "lica" passamos e compartilhamos juntos momentos bons e ruins no trabalho, Marcio sempre um amigo nas horas vagas a 2ª Igreja Batista da Cidade Nova V, onde tenho o carinho por todos os membros e amigos, pela ajuda, compreensão, amor, zelo, a questão financeira é o de menos para uma igreja que me fez amadurecer mais a prática de conviver a comunhão, o afeto e superar limites na obra do Senhor.

Agradeço ao professor Benildo Veloso da Costa pela orientação segura, pelo apoio nos momentos mais complicados desse trabalho, mas não hesitou em me acompanhar até o fim desta jornada.

Aos amigos do internato que sempre pude contar com uma palavra amiga destacando-se Paulo Sergio, Alef pela franca amizade e pelas muitas conversas teológicas muitas acaloradas.

A todos os mestres que pude aprender e compartilhar e viver com alguns mais próximos destaca-se prof. Élcio Sant'Anna, Mangoni, Ezilene, Moraes e José Carlos, exemplos a serem seguidos.

Quero destacar meus sinceros agradecimentos ao Pr. Raimundo Nonato Borges que sempre me apoiou me levando em sua congregação para várias vezes ministrar a palavra, com apoio pessoal em tudo que eu precisava na academia ele sempre estava disposto a me ajudar não tenho palavras só Deus para recompensar.

A Igreja Batista Bairro Novo pela paciência em ouvir várias vezes meus sermões muito obrigado pelo carinho dessa amada igreja. A Segunda Igreja Batista Cidade Nova V pelo carinho e o *feedback* quando pregava na igreja sentia que os irmãos guardavam no coração.

Aos meus queridos colegas e irmãos da turma de 2010, que em meio às dificuldades permaneceram firmes e constantes.

Poderia enumerar várias vezes muitos agradecimento, mas uma coisa eu posso escrever até aqui nos ajudou o Senhor por isso estamos alegres (salmos 126:3), eu não tenho palavras pra agradecer ao meu Senhor, dele vem tudo e tudo que eu vier a ser vem dele não de mim, por isso eu O adoro, a Deus a honra, a glória e o louvor para todo o sempre amém.

A Ministra de música Maria Cleonice pela confiança quando muitos disseram que eu não era capaz de chegar aonde cheguei.

Muitos outros agradecimentos não escritos neste, devo a todos os que me apoiaram direta e indiretamente o meu muito obrigado, a Deus toda Honra e todo o louvor.

“Não fosse o Senhor, ao nosso lado Israel quem o diga; Não fosse o Senhor que esteve ao nosso lado, quando os homens se levantaram contra nós, e nos teriam engolido vivos quando a sua ira se ascendeu contra nós”.

Salmos 124:1-3.

## RESUMO

De início é importante argumentar a verdadeira aprendizagem significativa, como ela funciona na prática em uma Escola Pública, seus desafios na disciplina de ensino religioso. Apontaremos a visão clássica na visão de alguns autores, a visão crítica como deve ser notada, a visão teológica da aprendizagem de Jesus Cristo que nos mostra o quanto se deve ter uma aproximação com a real necessidade do que cada aluno precisa. Menciona-se sobre o ensino religioso conceituando, mostrando o que significa o ensino confessional, como deve o professor de ensino religioso se expressar, de forma não preconceituosa e o proselitismo será enfatizado neste trabalho, identificando situações que poderão levar o professor, verificar se está ou não enfatizando suas ideologias em sala de aula, sendo questionado sobre essa prática comum entre alguns professores que lecionam essa disciplina. Será apresentada uma visão sobre o ensino confessional nas escolas, se há ou não diferença, como o educador deve seguir a grade curricular sem apontar a opinião do professor, mas da escola que assim executa tal modelo. Será evidenciado um estudo de caso sobre a prática do ensino religioso, se está tendo bom êxito esta disciplina em sala de aula, se a aprendizagem está sendo significativa com os alunos e como eles têm avaliado esse tema. Serão esboçadas algumas sugestões que podem ser melhoradas para o ensino religioso na devida escola entrevistada, relatando alguns aspectos positivos e alguns negativos do ensino em sala de aula. Vale notar a contribuição desta para o meio acadêmico para uma pequena reflexão sobre a imensidão a despeito do assunto relacionado, espero que seja uma contribuição para um argumento bem fundamentado, na visão de vários autores para um ensino religioso de qualidade em todos os aspectos relacionados no Pará e no Brasil.

Palavras-chave: aprendizagem, significativa, ensino religioso, religião, Jesus, ensinar, aprendiz.

## **ABSTRACT**

At first it is important to argue the real meaningful learning, how it works in practice in a public school, its challenges in the discipline of religious education. Will point the Classic view in the view of some authors , the critical view must be seen as the theological vision of learning that Jesus Christ shows us how to get an approximation to the real needs of each student needs . It is mentioned about religious education conceptualizing, showing what it means, the confessional teaching, how should the professor of religious education express themselves in a non-biased way and proselytism will be emphasized in this work, identifying situations that may lead teachers, verify that it is or not emphasizing their ideologies in the classroom, being asked about this common practice among some teachers who teach this discipline. We report on the vision of confessional teaching in schools whether or not there is a difference, as the educator must follow the curriculum without pointing the teacher's opinion but school that performs as well as style. A case study on the practice of religious education will be evident, if you are having success this discipline in the classroom, where learning is being significantly with students and how they have rated this topic. Some suggestions that can be improved for religious teaching in school due interviewed, reporting some positive and some negative aspects of teaching in the classroom will be outlined. Worth noting its contribution to academia for a little reflection on the vastness despite the related subject, I hope it is a contribution to a well- reasoned argument, in view of various authors to a religious teaching quality in all aspects in Para and Brazil

Key-words: learning meaningful, religious education, and religion, Jesus, teach apprentice.

## SUMÁRIO

<b>ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS</b> .....	<b>1-12</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2. DESVELANDO A PESQUISA</b> .....	<b>14</b>
2.1 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA .....	14
2.2 NEGOCIAÇÃO DE SIGNIFICADOS E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA ..	17
2.3 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DA VISÃO CLÁSSICA À VISÃO CRÍTICA .....	17
2.4 A VISÃO INTERACIONISTA SOCIAL .....	18
2.5 APRENDIZAGEM NA VISÃO DE PRINCE NA TEOLOGIA.....	23
2.6 OS ENSINOS DE JESUS NA APRENDIZAGEM .....	25
2.7 APRENDIZAGEM E A EMOÇÃO .....	27
<b>3. RELIGIÃO, ENSINO RELIGIOSO</b> .....	<b>28</b>
3.1 DIFERENÇAS DE ER NA ESCOLA PÚBLICA E NA ESCOLA CONFESSIONAL .....	30
3.2 O OBJETO E OS OBJETIVOS DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NO CAMPO DO ENSINO RELIGIOSO .....	35
3.3 CONTEÚDOS E METODOLOGIA DO ENSINO RELIGIOSO .....	35
3.4 O ENSINO RELIGIOSO COMO ÁREA DE CONHECIMENTO .....	38
3.5 O PROSELITISMO DO PROFESSOR DE ENSINO RELIGIOSO .....	42
3.6 O QUE O ACORDO ALTERA NO ENSINO RELIGIOSO BRASILEIRO? .....	48
<b>4. PESQUISA DE CAMPO UM ESTUDO DE CASO SOBRE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA À LUZ DO ENSINO RELIGIOSO</b> .....	<b>50</b>
4.1 RESULTADO GERAL DE TODOS OS ALUNOS ENTREVISTADOS .....	54
4.2 AGORA É A VEZ DE O PROFESSOR SER AVALIADO PELOS ALUNOS ..	57
<b>5. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA BASEADO NO ESTUDO DE CASO TEM SIDO SIGNIFICATIVO NA MATÉRIA DE ENSINO RELIGIOSO?</b> .....	<b>58</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES</b> .....	<b>59</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>62</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A priori, considera-se argumentar sobre fatores que envolvem a aprendizagem significativa, ou seja, busca-se, ao longo da pesquisa, demonstrar como a mesma funciona na prática em uma Escola Pública, demonstrando, principalmente, seus desafios no ensino da disciplina de Ensino Religioso.

Exporemos a visão clássica na visão de alguns autores, a visão crítica como deve ser notada, a visão Teológica da aprendizagem de Jesus Cristo que revela o quanto se deve ter uma aproximação com a real necessidade do que cada aluno precisa.

Abordaremos, também, conceitos sobre o Ensino Religioso, mostrando o seu significado, o ensino confessional, como deve o professor de ensino religioso se expressar, de forma não preconceituosa e o proselitismo será enfatizado neste trabalho, identificando situações que poderão levar o professor a verificar se está ou não enfatizando suas ideologias em sala de aula, sendo questionado sobre essa prática comum entre alguns professores que lecionam essa disciplina.

Do mesmo modo, abordaremos a visão do ensino confessional nas escolas, se há ou não diferença, como o educador deve seguir a grade curricular sem impor a sua opinião de professor, mas da escola que assim executa tal modelo. Ainda dentro deste contexto, será mencionado um estudo de caso sobre a prática do ensino religioso, procurando, então, constatar se está tendo bom êxito esta disciplina em sala de aula, se a aprendizagem está sendo significativa com os alunos e como eles têm avaliado esse tema.

Por fim, serão consideradas algumas sugestões que podem ser implementadas no ensino religioso na devida escola entrevistada, relatando alguns aspectos positivos e alguns negativos do ensino em sala de aula.

Busca-se, contudo, constatar a contribuição desta para o meio acadêmico através de uma pequena reflexão sobre a imensidão a despeito do assunto relacionado, esperando-se que a presente pesquisa seja uma contribuição para um argumento bem fundamentado, na visão de vários autores para um ensino religioso de qualidade em todos os aspectos relacionados no Pará e no Brasil.

## 2. DESVELANDO A PESQUISA

Esta pesquisa é fruto de uma reflexão sobre o ensino e a motivação que o educando tem neste processo de ensino-aprendizagem e a urgência da necessidade em pesquisar e desvelar o porquê somos levados a aprender, bem como a ensinar de um modo tão abstrato e sem qualquer vínculo com a realidade de nossos alunos.

Na realidade, muitas de nossas escolas continuam dominadas por um entendimento pedagógico tradicional, na qual se ensina uma enorme quantidade de informação e geralmente tendo como base o programa do próprio livro didático, pois este não forma proposições significativas para elas; o que impede que haja uma compreensão mais significativa dentro do processo cognitivo.

### 2.1. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

De acordo com a Teoria da Aprendizagem Significativa (TAS), o indivíduo para aprender significativamente, deve relacionar, de forma não arbitrária e não literal, o conteúdo a ser aprendido com aquilo que ele já sabe, conseguindo assim, generalizar e expressar esse conteúdo com sua própria linguagem. Quando não ocorre esse relacionamento e nem essa generalização, diz-se que houve aprendizagem mecânica, ou seja, o indivíduo só consegue expressar as ideias repetindo as mesmas palavras, memorizadas de forma arbitrária e literal, sem ter, de fato, assimilado os conteúdos envolvidos <sup>1</sup>.

Sobre a aprendizagem significativa procuraremos abordar de forma abrangente o que é aprendizagem, como funciona esse tipo de aprendizagem no ambiente escolar, como pode construir esses pensamentos e ações. Abordaremos ainda que o tema em si pode se tornar mecânico, questionando-se e refletindo-se diante da proposta a ser questionada no âmbito escolar.

---

Moreira, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 42.

O Ensino deve ser centrado no aluno com uma interação social seja qual área abordada nisto deve-se levar em consideração. Um ensino do tipo “professor escreve, aluno escreve decora e reproduz na prova” quase que certamente conduzirá a aprendizagem mecânica, e isso não é bom.

Modernamente, o professor pode usar lâminas em *data show*, em vez de escrever no quadro de giz, e depois passar os arquivos eletrônicos para alunos a fim de que não tenham que ser copiados, mas o processo é o mesmo por que os alunos continuam tendo que decorar os conteúdos e reproduzi-los nas provas que talvez venham a ser eletrônicas também.

Na verdade é uma continuidade, e depende de o aluno se predispor a ela. Ilusão pensar que levar em conta o conhecimento prévio, centrar o ensino no aluno, estimular o questionamento, propor atividades colaborativas e outras estratégias didáticas necessariamente levará á aprendizagem significativa, pois esta é progressiva.<sup>2</sup>

As causas são muitas, mas paradoxal ou convenientemente, o ensino quase nunca aparece entre os culpados pelos fracassos de aprendizagem que será o nosso questionamento neste trabalho minucioso e investigativo que será produzido no campo do ensino religioso e também grandes desafios a serem superados.

O ensino tanto na educação básica como na superior tende a promover a aprendizagem mecânica. O aluno é estimulado a memorizar mecanicamente os conhecimentos. As avaliações cobram respostas corretas, soluções, padrão, definições, justificativas, explicações, argumentações, que podem ser decoradas na véspera. Aliás, devem ser decoradas na véspera porque a retenção é muito baixa e porque há muita informação para decorar. Em maior ou menor escala, é assim em todos os níveis de escolarização.<sup>3</sup>

Aprendizagem significativa é aquela em que o significado do novo conhecimento é adquirido, atribuído, por meio da interação com algum conhecimento prévio, especificamente relevante existente na estrutura cognitiva do

---

<sup>2</sup> SALZANO, F Elcie; Moreira, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa:** condições para ocorrência e lacunas que levam a comprometimentos. São Paulo: Vetor, 2000, p.10

<sup>3</sup> Ibid p.11

aprendiz sendo essa interação a palavra chave entre conhecimentos novos e conhecimentos prévios <sup>4</sup>.

É preciso querer relacionar os novos conhecimentos aos prévios para que a aprendizagem significativa possa ser significativa nesse diálogo. Ninguém aprende significativamente se não quiser aprender. Não se pode forçar uma aprendizagem. É preciso uma predisposição para aprender, uma intencionalidade.

Os novos conhecimentos são incorporados à sua estrutura cognitiva e esta tem muitos aspectos conotativos. Não se aprende de maneira significativa internalizando conhecimentos literalmente, mesmo que tenham sido relacionados a conhecimentos prévios. É preciso que haja interação entre conhecimentos, e essa interação deve ser não arbitrária e não literal.

Como temos abordado até aqui, a aprendizagem significativa se caracteriza pela incorporação substantiva (não literal) e não arbitrária de novos conhecimentos à estrutura cognitiva por meio da interação com conhecimentos prévios especificamente relevantes.

Sustenta que a aprendizagem mecânica é uma aprendizagem sem compreensão, sem transferência, quase sem significado e com pouca retenção, deixando um vácuo pelo caminho. Passado algum tempo é como se o sujeito nunca tivesse aprendido determinados conteúdos.

Em contraposição é aprendizagem com compreensão, com significado, com possibilidade de transferência, com capacidade explicativa, com maior retenção de assuntos que saberemos adiante do nosso argumento se está ou não acontecendo.

Da mesma forma os manuais obrigatórios, as apostilas ou os livros, que os professores e alunos devem necessariamente usar porque a escola tem uma franquias ou porque o governo compra repassa ao sistema escolar, tende a favorecer a aprendizagem mecânica, a simples memorização ou em termo vulgar decoreba". Qualquer manual que tenha conseguido favorece mais aprendizagem mecânica que a significativa, mais o treinamento que a educação.<sup>5</sup>

No ensino o professor apresenta, negocia, facilita a captação de significado denotativo, entretanto o aprendiz utiliza também significados pessoais ao

---

<sup>4</sup> MOREIRA, M. A. **A teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel**. In: Teorias de Aprendizagem. Ed. Pedagógica e Universitária, 1995. pp 151-165.

<sup>5</sup> Ibid p.25

externalizar o conhecimento adquirido, contudo se a aprendizagem tiver sido significativa essa externalização será provavelmente acompanhada de significados conotativos.

## 2.2. NEGOCIAÇÃO DE SIGNIFICADOS E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A aprendizagem significativa pode ser interpretada como o resultado de uma interação triádica entre alunos, professor e materiais educativos. Identifica Gowin (1996) que o ensino se consuma quando o aluno e professor compartilham significados e quando ele capta os significados aceitos no contexto da matéria de ensino os professores se esforçam, mas não conseguem compartilhar por uma série de dificuldades, dentre várias a arte de se expressar em sala de aula com o conteúdo é uma das bem questionadas por muitos alunos <sup>6</sup>.

Reafirma-se que o Professor e alunos partem de posições distintas nesse processo, pois o primeiro já domina os significados aceitos, o segundo não. Há toda uma negociação (no sentido de troca, intercâmbio) de significados cujo objetivo é levar o aluno a captar os significados aceitos e, então decidir se quer aprender de maneira significativa, internalizando-os de maneira não arbitrária e não literal. Cabe reiterar que nesse processo a linguagem é o elemento básico, pois, fica a despeito disso uma má interpretação dos professores que não conseguem transmitir a mensagem no ambiente escolar.

## 2.3 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DA VISÃO CLÁSSICA Á VISÃO CRÍTICA

Gowin (1996) apresenta uma visão internacionalista social Vygotskyana na qual a aprendizagem significativa é uma decisão do aprendiz após ter captado significados, contextualmente aceitos, em um processo de negociação de significados, cujo objetivo compartilhar significados.<sup>7</sup>

M.A Moreira, mais recentemente defende uma visão crítica para aprendizagem significativa, uma perspectiva na qual não basta captar significados aceitos no contexto da matéria de ensino, é preciso captá-los criticamente, esta é

---

<sup>6</sup> NOVAK, J. D.; GOWIN, D. B. **Learning how to learn**. New York: Cambridge University Press, 1984. Trad. p/ português de Carla Valadares, Aprender a aprender. Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 1996. p.57

<sup>7</sup> Ibid p. 72.

uma das dificuldades encontrada no decorrer da história, já que se aprendeu que o centro da atenção era o professor modelo, não mais reforçados nos dias atuais <sup>8</sup>.

## 2.4 A VISÃO INTERACIONISTA SOCIAL

Comenta-se que a Perspectiva interacionista social da aprendizagem significativa é a abordagem trágica (aluno-professor-materiais educativos do currículo) Gowin (1996). Existe aí uma visão Vygotskyana, na qual o ensino aprendizagem é visto como uma negociação de significados, cujo objetivo é compartilhar significados a respeito dos materiais educativos do currículo. O professor (mediação humana) é quem já domina os significados aceitos no âmbito da matéria do ensino, ou seja, está teoricamente preparado e o aprendiz é aquele que busca captar tais significados que está captando, ou seja, com sede ou desejo de absorver ao máximo. Ao professor compete verificar se os significados apresentados ocorrem em outro contexto que não seja o meio social <sup>9</sup>.

O professor intenciona que haja aprendizado e que sejam aqueles já aceitos pela comunidade de usuários. É nesse sentido que os recursos mais indicados para essa avaliação é a solução de problemas, que requer outras habilidades e qualidades entre as quais está o raciocínio, perseverança, flexibilidade, improvisação, sensibilidade, astúcia em estratégias, além de compreensão dos princípios básicos envolvidos. Respostas incorretas, comum nos dias atuais, querem na solução de problemas quer em outras atividades, poderão revelar comprometimentos em alguma etapa do processo de aprendizagem <sup>10</sup>.

Identifica-se que na rede relacional, assim como não é fácil evidenciar que tenha ocorrido aprendizagem significativa e que o aluno realmente compreendeu o que foi ensinado, da mesma forma não é fácil localizar o que bloqueou o processo de aprendizagem. Identificamos que a conceituação de aprendizagem de cada professor é que definirá suas ações concernentes à dificuldade de que há um compartilhamento de significados aceitos no âmbito da matéria do ensino, compartilhando significados com o professor a respeito dos materiais educativos do currículo.

---

<sup>8</sup> Moreira, M. A. Op. Cit., p.11.

<sup>9</sup> NOVAK Joseph D; GOWIN, D B. **Aprender a aprender**. Lisboa: Plátano Ed Técnicas, 1996, p. 37.

<sup>10</sup> Moreira, M. A. Op. Cit., p.37.

Sustenta Ausubel (1968) que não é sempre fácil demonstrar que tenha ocorrido aprendizagem significativa e que o aluno realmente compreendeu o que foi ensinado as dificuldades se mostram ao longo do seu aprendizado. Conforme assegura esse autor, um dos autores da aprendizagem, a avaliação e as orientações de ensino. Quando por exemplo o professor tem claro e disponível o conceito de aprendizagem seus procedimentos não serão confusos.

Alguns exemplos de lacunas apresentados neste capítulo ilustram o que ficou afirmado e assinalam a importância de o professor ter clareza sobre os conceitos envolvidos. Salienta que o diagnóstico de distúrbio de aprendizagem não é tão simples e que é necessário assegurar que fatores socioeconômicos, psicopedagógicos, familiares não estejam causando falhas no desenvolvimento escolar.

Justifica-se a busca com professores por considerar que estes convivem com seus alunos e têm informações sobre os mesmos e o seu contexto de vida muitas vezes utópica, nesse aspecto levantado o fato da dificuldade do professor ao se relacionar socialmente com os seus alunos está muito distante, entretanto aquele que procura conhecer seu aluno e manter esse contato conseguiu grandes realizações.

Aprendizagem significativa é o meio que o ser humano desenvolve habilidades, raciocínios, atitudes, valores, vontades, interesses, aspirações, integração, participação, realização, tudo isso num conjunto no qual existe um crescimento. Seu processo ocorre quando a pessoa recebe novas informações e as elabora a partir de experiências que dispõem.<sup>11</sup>

A aprendizagem significativa sustenta se está em concordância com autores que reverteram o enfoque da avaliação, em décadas anteriores, ao enfatizarem a importância de investigar o potencial da pessoa, por exemplo, que para alguns professores que vivem do ensino do passado, não se preocupam com o aluno. Antes de buscar diagnosticar desvios que expliquem seus bloqueios de desenvolvimento isso de certa forma é um atraso no processo educacional desse aluno. Veja a lista sobre as queixa de professores, a saber (SALZANO & MOREIRA, 2000):

---

<sup>11</sup> MATTOZZI, I. A História Ensinada: educação cívica, educação social e formação cognitiva. In: O Estudo da História, n.3. Actas do Congresso "O ensino de História: problemas da didáctica e do saber histórico". Braga: APH, p. 23-50.

1. Atrapalha a classe
2. Conversa muito
3. Dificuldade de aprendizagem
4. Dificuldade de aprendizagem não localizada
5. Dificuldade de assimilação de conceitos
6. Dificuldades de comunicação
7. Dificuldades na divisão
8. Dificuldade na fala
9. Dificuldade na leitura
10. Dificuldade no relacionamento
11. Ditado não intercala l e r
12. Dispersivo
13. Distraído
14. Enunciados incompletos na fala
15. Erros de escrita
16. Estava bem, de repente deu uma parada
17. Esquece tudo
18. Esquisita
19. Indeciso
20. Troca letras
21. Irrequieto
22. Leitura e escrita fraca, vai bem em matemática
23. Lento
24. Mãe trabalha fora
25. Material em branco
26. Mentira muito
27. Não aprende nada
28. Não assimila as lições
29. Não escreve quase nada sozinho
30. Não é bom em matemática
31. Não é problemático tem condições de se recuperar
32. Não está bem em português
33. Não lê
34. Não faz atividades na classe
35. Não faz atividades que a professora dá
36. Não faz lições de casa
37. Não segue a Classe
38. Não tem boa assimilação
39. Não tem rendimento escolar
40. Não termina o que a professora põe na lousa

41. Ótima num dia, no outro não faz nada
42. Pais não vivem juntos
43. Palavras sem sentido (na escrita)
44. Participa pouco
45. Precisa de ajuda, não acompanha a classe
46. Quieta
47. Repetente
48. Tímida
49. Inteligente, esperta, não compreende o que é dado
50. Observa tudo o que acontece, o que causa dificuldade de se relacionar com a professora e colegas
51. Dificuldade na fala

Um aspecto abordado é a falta de clareza sobre o processo de aprendizagem e as condições que propiciam compreensão e elaboração do que é ensinado pelo aluno é um dos fatores que resulta em confusões sobre a identificação de problemas de aprendizagens.

O fato de ter sido reprovado na escola vai adquirindo significado quando for esclarecido como e por que ocorreu essa reprovação. Em cada caso a repetência tem um papel diferente na vida do aluno, afetando de modo específico o seu processo de aprendizagem causando certos danos para sua vida de forma geral.

A falta de clareza sobre o processo de aprendizagem e as condições que propiciam compreensão e elaboração do que é ensinado pelo aluno é um dos fatores que resulta em confusões sobre a identificação de problemas de aprendizagem. Analisar problemas de aprendizagem no referencial da aprendizagem Significativa requer clareza como a pessoa que organiza e compreende o que lhe é ensinado. (MOREIRA, Salzano Aprendizagem significativa, 2000)

Destacando as lacunas da escola para ocorrência da aprendizagem significativa ficam evidenciadas nos dados diferentes e épocas das escolas públicas no quadro sombrio do pouco progresso, quanto à qualidade do ensino oferecido à população. O baixo rendimento na escolarização não foi e não é um problema específico do Brasil, mas requer atenção devido aos altos índices de reprovação e evasão que aqui ocorrem.

Por aprendizagem entendemos o processo pelo qual o homem no curso da vida vai adquirir os significados produzidos pela cultura a qual pertence, pois aprender é sempre tomar emprestado de alguma tradição que já sabia

o que fazer com a vida<sup>12</sup>, aquele que aprende algo só adquire certo domínio sobre algum dos mundos possíveis aqueles das letras da natureza ou das virtudes humanas mas também é marcado pelo apre(e)ndido no próprio coração da vida ...<sup>13</sup>

Menciona-se, entretanto que aprendizagem não se dá de forma linear e mecânica na dinâmica das relações, mas por continuidades e rupturas em uma cadeia de significações. Com propostas pedagógicas, mas muito mais reflexão e construção de condições favoráveis a aprendizagem, tais como a abertura/disponibilidade do professor para conhecer e entender o aluno e poder elaborar estratégias e adaptações condizentes com suas necessidades especiais, algo que ao longo deste trabalho, podemos observar o quanto o ensino, principalmente, está muito longe da realidade do aluno, ele quer, muitas vezes se interessar em busca dessa aprendizagem e no meio do caminho ele se frustra, demonstrando com isto o quanto é difícil a sua real compreensão de entender a matéria, e também o tempo por ser ínfimo.

A significação do mundo presente não é desvinculada do mundo passado e ligar-se-á ao mundo futuro.

O erro faz parte da aprendizagem e deve ser encarado como um passo no caminho do domínio de um conhecimento. Há alunos que não conseguem aproveitar o erro de uma forma produtiva, possivelmente sentem-se inseguros e encaram o erro de uma forma negativa. O erro do aluno também pode por em xeque a imagem do professor, seus procedimentos e suas explicações<sup>14</sup>

Ausubel define aprendizagem significativa por descoberta: envolve transformação da informação por análise, síntese, formulação de hipótese e experimentação, rearranjo, recombinação, translação e integração. A abordagem do questionamento socrático é uma estratégia relevante nesse sentido, por ser uma forma ativa de aprendizagem por descoberta guiada e autônoma na experiência.

A atitude do professor é parte fundamental no processo de aprendizagem: em grande escala, as explicações dos professores são responsáveis pelas concepções inadequadas dos alunos na escolha de situações-problema diversificadas, que

<sup>12</sup> LAJONQUIÈRE, Leandro de. De Piaget a Freud: **para repensar as aprendizagens**. Petrópolis: Vozes, 1992, p 33

<sup>13</sup> Ibid p. 34.

<sup>14</sup> AUSUBEL, D,P :SULLIVAN, E.V. Theory and problems of Child development. New York: Grune and Stratton, 1970, p 47.

favoreçam a capacidade argumentativa, a persistência na busca de soluções criativas, embasadas na compreensão de conceitos e procedimentos relacionados; na proposta de problemas reais, de compreensão funcional ou de problemas abertos, com resolução em grupos ou valorização da reflexão individual (auto - explicação e metacognição).

Desejamos com este projeto que se possa ver na aprendizagem significativa, um caminho, que seja o ensino de construção para estas representações. E questionar critérios que relacionem a solução exitosa do problema com aprendizagem.

## 2.5. APRENDIZAGEM NA VISÃO DE PRINCE NA TEOLOGIA

Substantivo feminino, Ação de aprender; aprendizado. Tempo durante o qual se aprende. Psicologia Método que consiste em estabelecer conexões entre certos estímulos e determinadas respostas, cujo resultado é aumentar a adaptação do ser vivo ao seu ambiente.

O autor apresenta como o mestre por excelência Jesus, ele sabia o que realmente o povo necessitava, precisava nisso concordo com essa veracidade maravilhosa abordada pelo autor. Ele comenta que quanto mais identificarmos no outro a experiência assim devemos ou pretendemos viver. A vida do professor é a vida do seu ensino, viver aquilo que ensinava inspirava confiança naquilo que dizia, devemos ser um espelho para os nossos alunos, se não fracassamos.

Ao identificar a ênfase de Jesus em ensinar no modo entusiasta e até agressivo pelo qual externou sua atividade educadora, deve ser aplicada. Ele desempenhava o ensino em qualquer lugar e a toda hora, no templo, nas sinagogas, no monte, nas praias, na estrada, junto ao poço, nas casas, em reuniões sociais, em público e em particular. Jesus ensinou e compreendeu a tarefa de mestre, quando buscamos ânimo e coragem para ensinar com fidelidade e paciência.

Uma das coisas que mais ajudam no ensino é ter objetivos claros e específicos. Muitos professores trabalham meses e meses sem objetivo definido, a não ser apresentar o material que se lhes forneceu. Isto responde por muita negligência e falta de discernimento e de interesse. Sem um alvo certo e precioso, define-se o ensino por falta de perspectiva, de propósito e de objetividade e também não se pode avaliar os resultados do ensino, pois que não visa á coisa definida e, assim não sabemos para onde ele se dirige e nem aonde chegará. É como lançar uma seta sem saber ao certo, onde está o alvo. Assim a probabilidade de acertar o alvo é mínima.<sup>15</sup>

Identificamos que em todos os seus ensinios, Jesus nunca se esqueceu dos problemas íntimos de seus ouvintes, e sempre buscou resolvê-los para fazer discípulos felizes e unificados “seu ensino é essencial e ocasional tirado de emergências do dia e da hora do contato com o povo, de conversas e incidentes”. A ênfase dada por Cristo era sobre a própria vida e não sobre as coisas materiais. O ensino tem que ter a finalidade certa, para o aluno saber como viver. Ao ensinar, deve ter uma classe de tamanho tal que possa conhecer as necessidades individuais de cada aluno e ensinar, assim com eficiência. “Jesus se preocupou em ensinar a essência do conteúdo em estudo, formalizou a base para a construção do saber necessário para uma vida regrada e sensata”.<sup>16</sup>

Constatamos que uma das famosas “sete leis do ensino”, de João Gregory é esta: provoque e dirija as atividades próprias do aprendiz, e não lhe ensine o que ele pode aprender por si só. Esta lei não se baseia no fato de que o aprendizado não se efetua sem atividade mental.

Se tivesse que reduzir toda psicologia educacional a um só princípio, diria o seguinte: o fator mais isolado que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Averigue isso e ensine-o de acordo (AUSUBEL, 1980).<sup>17</sup>

Price comenta que Jesus conhecia o conteúdo a ser ensinado, o mesmo se espera do que temos como conteúdo para nossas aulas. Na sua visão não se quer dizer com isso que o docente precisa ir à busca de um conhecimento superior do aluno para ajudá-lo a compreender sua proposta e sua complexidade. Via-se claro de seus ensinios que Jesus era um atento observador das forças da natureza e fez constantes referências a elas, usando-a como material para o seu ensino.

<sup>15</sup> PRICE J.M **Pedagogia de Jesus o mestre por excelência**. Rio de Janeiro: Sabre, 2008, p. 45.

<sup>16</sup> Ibid pg.70

<sup>17</sup> AUSUBEL, D.P. Op. Cit., p. 87

Price menciona que Cristo, aproveitava ocasiões e acontecimentos do dia para ensinar, quando entrou no templo e o encontrou corrompido pelos mercadores, não só ensinou uma lição expulsando-os de lá como aproveitou o incidente para salientar a natureza sagrada da casa de Deus. Da mesma quando os Fariseus lamentaram que seus discípulos houvesse violado o sábado, colhendo espigas para comer ao passarem por uma roça, ele aproveitou o momento para enfatizar o propósito do sábado. Contudo Ele apresentou princípios e conceitos de caráter geral. Seus ensinamentos sempre foram concretos, mesmo quando anunciava seus princípios. Ele não filosofava, não teorizava, nem se ocupava com coisas abstratas.

De que adianta uma aula preparada pomposamente, se nosso alvo não é o aluno? De que adianta usar recursos tecnológicos de uma geração se não é focado o coração e a mente de nossos alunos.<sup>18</sup>

## 2.6. OS ENSINOS DE JESUS NA APRENDIZAGEM

Evidencia-se que Jesus, não só usou as escrituras para começar seu ensino, mas também usou as experiências dos presentes como ponto de partida. Jesus podia propiciar muito mais eficazmente um ensino voltado para o que se esperava. E nesta perspectiva devemos valorizar, como Jesus, o primeiro contato com o aluno.

Observamos que o ensino deve ser transmitido, não como uma simples transmissão de ideias, mas como facilitação ao conhecimento, sem manipular ideias da parte de quem se dispõe a construir pensamentos.

Price Argumenta que o ensino do criador consiste em ajudar o aluno a descobrir a verdade por si mesmo. Criação de líderes e críticos. Transmitindo informações relevantes e valiosas. Um exemplo prático é o método de histórias.

Observamos que nenhum método de ensino tem sido mais usado e mais criticado que o de preleções. Todas as preleções provocam pensamento, sondam o coração e são muito práticas e vitais.

---

<sup>18</sup> Ibid., pg. 70

Usam-se perguntas para muitos fins, elas servem para chamar e prender a atenção. O aluno que luta contra o sono ou deixa sua mente vagar durante a preleção certo se alertará com perguntas, pois não sabe quando o professor lhe vai perguntar alguma coisa, nesse método é que entra o elemento da surpresa. Serve também para provocar pensamentos. Se elas forem boas e feitas como devem ser, as perguntas levarão o aluno a pensar nelas.

Observamos que Jesus usou igualmente o princípio de planejamento, de se aprender fazendo quando enviou seus discípulos para dar testemunho e curar, assim os discípulos, como verdadeiros aprendizes, aprenderam tanto por meio de observação como da prática, a pregar, ensinar e curar.

A avaliação da aprendizagem, por sua vez, somente começou a ser proposta compreendida e divulgada a partir de 1930, quando Ralph Tyler cunhou essa expressão para dizer do cuidado necessário que os educadores necessitam ter com a aprendizagem dos seus educandos.

Nesse período ele estava preocupado com o fato de a cada cem crianças que ingressavam na escola, somente trinta eram aprovadas, ou seja, anualmente permanecia um resíduo de setenta reprovadas, o que em síntese, supostamente significaria que elas não tinham processado uma aprendizagem satisfatória. “Estamos necessitando de ‘aprender e avaliar’, pois que ainda, estamos mais examinando do que avaliando”. Nosso senso comum, na vida escolar, é de examinadores e não de avaliadores.<sup>19</sup>

Comenta-se nas escolas, públicas e particulares, assim como nos diversos níveis de ensino, se devem praticar muito mais exames escolares do que avaliação da aprendizagem. Aprender o conceito é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática. É uma aprendizagem que exige tempo e atenção específica na medida em que herdamos e constituímos hábitos que conduzem uma forma automática de agir. “Não basta somente termos uma intenção e um desejo genérico de mudar. Não basta gostar de literatura e das conversas sobre avaliação. É preciso decidir investir cotidianamente nessa atividade”.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> LUCKESI, Carlos, Cipriano, **Avaliação da aprendizagem estudos e proposições**. São Paulo, Cortez, 2011. p.29.

<sup>20</sup> Ibid p. 36.

Destacamos que uma aprendizagem, verdadeiramente só é uma aprendizagem, quando ela se transforma em prática de vida cotidiana, assim como um alimento só é efetivamente alimento (que alimenta alguém) quando é ingerido e se transforma em sangue, em plasma. O que é aprendido é vida, é prática; e, quanto mais se pratica se aprende. Como aprender a avaliar a aprendizagem de nossos educandos, incluindo a nossa avaliação como educadores e avaliadores. Só quem deseja aprender, com ardor, aprende! . O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame, que por uma pedagogia do ensino-aprendizagem. Durante o ano letivo, as avaliações vão sendo observadas, médias vão sendo obtidas. E só o “que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivesse a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem”.<sup>21</sup>

## 2.7. APRENDIZAGEM E A EMOÇÃO

Observamos que com a herança do iluminismo, que a emoção é, e tem sido fundamental não só na aprendizagem, mas para a constituição do ser humano, sendo isso de enorme importância na educação. E que essa construção do conhecimento bem como a evolução da civilização que são os processos racionais; quando se pensa entre separar o corpo e a mente razão e emoção não é uma verdade absoluta como muitos pensaram ao longo dos anos passados, o erro de Descartes (DAMÁZIO, 1996), vivemos uma nova era, um novo tempo.

Observamos que o ser humano necessita ter certo equilíbrio entre a razão e emoção, entre emoções e pensamentos desagradáveis. Sendo extremamente emotivo ou indo muito pela razão sem atender os princípios da qualidade de vida plena, devemos ter um modelo que não venha favorecer um mais que o outro.

---

<sup>21</sup> Ibid p.36.

### 3. RELIGIÃO, ENSINO RELIGIOSO

Religião vem do termo latino *religare* que segundo o dicionário escolar da academia brasileira de letras Crença na existência de um ente Supremo como criador do universo, que tal deve ser adorado e cultuado.<sup>22</sup> Todavia, na prática religião denota culto rendido a divindade, fé convicções religiosas, crença, a religião transforma o individuo/ doutrina religiosa da religião cristã, sua tendência passa a crer em um ente supremo, um acatamento às coisas santas. Evidentemente Essa Manifestação de crença por meio de um conjunto de doutrinas, dogmas, cultos e rituais próprios: religião católica, religião mulçumana como exemplos.

A religião na sala de aula revela-se cada vez mais como uma realidade que necessita de um amplo debate que responda e corresponda a alguns dos desafios mais prementes do nosso mundo.<sup>23</sup>

O Ensino Religioso Adjetivo que se refere à religião: canto religioso, piedoso, solene, austero, profundo: silêncio religioso. Pertencente ou referente ao instituto monástico. A Educação religiosa é uma disciplina descritiva e reflexiva sobre os fundamentos, costumes e valores das religiões existentes. Os mistérios da fé, a catequese e o proselitismo devem ser concebidos pelas igrejas e pelos movimentos religiosos e não pela escola <sup>24</sup>.

A escola é fundamentalmente um local de produção e construção do conhecimento, devendo, portanto oferecer cientificamente elementos que necessita encontrar a sua identidade e sua metodologia neste contexto plural sem perder a sua essência. Segundo Viviane Cândido O Ensino Religioso é uma das áreas de conhecimento sobre o fenômeno religioso, o qual estuda as diversas tradições e culturas religiosas (CÂNDIDO, 2004).

Observamos, assim, em conformidade ao pensamento da autora sobre a dificuldade de todos os elementos citados nesta parte muitos que lecionam essa disciplina são grandes heróis, como por exemplo, como lecionar conteúdos muitas vezes profundos em apenas 30 minutos.

---

<sup>22</sup> Dicionário da língua portuguesa, Academia Brasileira de Letras 2ªed São Paulo: Companhia Editora Nacional.p1100.

<sup>23</sup> FIGUEIRA, Eulálio, Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 p.1 Puc- São Paulo

<sup>24</sup> <http://www.fonaper.com.br/noticia.php?id=171>. às 19:00h de 11/12/2013.

A situação do ER (Ensino Religioso) é distinta nos vários Estados: de caráter antropológico (cultura religiosa), ecumênico, inter-religioso e confessional. Sustenta João Paulo II falando às Conferências Episcopais da Europa afirma que os alunos “têm o direito de aprender, de modo verdadeiro e com certeza, a religião à qual pertencem”.<sup>25</sup> Não pode ser desatendido esse seu direito a conhecer mais profundamente a pessoa de Cristo e a totalidade do anúncio salvífico que Ele trouxe.

O caráter confessional do ensino religioso escolar, realizado pela Igreja segundo modos e formas estabelecidas em cada país, é, portanto, uma garantia indispensável oferecida às famílias e aos alunos que escolhem tal ensino<sup>26</sup>.

As dioceses empenhem-se na formação de profissionais para o exercício do ensino religioso escolar.

No Brasil, pode-se observar o Ensino Religioso fazendo história por caminhos diferenciados: o caminho da confessionalidade, o caminho da interconfessionalidade, o caminho da história das religiões, o caminho da axiologia e também o caminho da própria religiosidade em si mesma como uma forma de fomentar o ecumenismo, assunto no meio evangélico, muito discutido e muitas vezes não bem recebido por muitos pastores e líderes evangélicos.

As aulas de Ensino Religioso como são ministradas atualmente não contribuem muito para um aprofundamento em torno do conhecimento sobre religiões, pois o professor (seja católico ou evangélico) está mais ocupado em destacar os valores bíblicos e cristãos do que efetivamente ajudar o aluno a fazer uma leitura racional das religiões isso é fato. Mas podemos fazer a seguinte pergunta: então não se devem relevar os valores cristãos na escola? Como motivação denominacional ou tentativa de disciplinar a fé, não, pois isto é trabalho e função das igrejas e dos movimentos eclesiais. Na escola devemos sim ter uma orientação racional, de conhecimento e análise da conjuntura religiosa.

---

<sup>25</sup> Diocese Geral Católica p.74, vaticano.2001

<sup>26</sup> Diocese Geral Católica p.74 vaticano.2001

Por diversos motivos, a religião foi usada como fator moralizante e como um freio à liberdade humana. Este tem sido seu aspecto mais criticado em todos os tempos por diversos pensadores e educadores: a idéia de um Deus- grande olho que tudo vê e espera sedento pelo momento de aplicar seu castigo.<sup>27</sup>

O Ensino Religioso necessita encontrar a sua identidade e sua metodologia neste contexto plural sem perder a sua essência.

### 3.1 DIFERENÇAS DE ER NA ESCOLA PÚBLICA E NA ESCOLA CONFSSIONAL

Não é tão clara e nítida a diferenciação entre o ER ministrado na escola pública e aquele ministrado na escola confessional. Há certa expectativa, baseada no senso comum, de que na escola confessional, seja ministrado um ER confessional e proselitista, assunto que iremos tratar um pouco também nesta pesquisa, e no decorrer de seu desenvolvimento, pretendemos formar multiplicadores, e que na escola pública aconteça um ER laico. Na prática não é tão simples assim, pois há escolas confessionais com um ER caracterizado como disciplina e, conseqüentemente, distante da confessionalidade, e há as que são extremamente confessionais e acreditam, inclusive, que se o ER deixar de ser confessional perderá sua identidade<sup>28</sup>.

O Ensino Religioso nas escolas pode e deve tornar-se uma disciplina para a formação integral do aluno e da sua cidadania.

Ensino Religioso é a disciplina à qual se confia, do ponto de vista da escola leiga e pluralista a indispensável para a educação da religiosidade. Aqui, já vale observar a necessidade de se superar uma posição monopolista e proselitista, para que haja uma autêntica educação da religiosidade inserida no sistema público de educação em benefício do povo.

---

<sup>27</sup>FERRAZ, Lara Sayão Lobato de A, Artigo científico: educação se aprende na escola. Mda em Filosofia da Educação pela Universidade Católica de Petrópolis, licenciada em Filosofia.p4

<sup>28</sup> ANDRADE, Rosamaria Calaes de Oliveria. Ética, religiosidade e cidadania. Belo Horizonte: Lê, 1997, p 56.

Diante deste modo diferente de conhecer Deus, a cultura epistemológica deve se interrogar pelo “em quê”: em que se acredita? O que constitui a experiência religiosa? Existem critérios para estabelecer a coerência e a incoerência de uma experiência religiosa, a racionalidade ou a irracionalidade da mesma? Nesse contexto de fortalecimento de uma “cultura epistemológica”, considerando o Ensino Religioso como um lócus entre outros em que se vivencia um espaço rumo a tal “cultura epistemológica”, não caberia o proselitismo e muito menos a catequização, mencionamos que vivemos num crescimento da alta tecnologia, a facilidade da educação nos ajudam a conhecer com vários argumentos cada religião.

Deve-se enfatizar com toda a força que a religião é um domínio de valores completamente autônomos.

Convém destacar, ainda, que todo o conteúdo a ser tratado nas aulas de Ensino Religioso contribuirá para a superação do preconceito à ausência ou à presença de qualquer crença religiosa, de toda forma de proselitismo, bem como da discriminação de qualquer expressão do sagrado.

Os conteúdos a serem ministrados nas aulas de Ensino Religioso não têm o compromisso de legitimar uma manifestação do sagrado em detrimento de outra, uma vez que a escola não é um espaço de doutrinação, de evangelização, de expressão de crença, de ritos ou símbolos, campanhas e celebrações, ressaltando as dificuldades de muitos professores que professam uma religião conseguirem esse feito, ocorrendo muitas vezes o desrespeito a alguns segmentos religiosos no qual observei em alguns alunos essa aversão a algumas religiões principalmente de Matriz africanas.

Para corresponder a esse propósito, a linguagem a ser utilizada nas aulas de Ensino Religioso é a pedagógica e não a religiosa, referentemente a cada expressão do sagrado, adequada ao universo escolar e ao que este indica: a aprendizagem do conhecimento e o desenvolvimento do sujeito educando. "Substitutivo ao Projeto de Lei n. 2.757, de 1997. (da nova redação ao artigo 33 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.) O Congresso Nacional decreta: Art. 33 – O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários

normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

"Toda religião comporta uma ética e toda ética desemboca numa religião, na mesma medida em que a ética se orienta pelo sentido do transcendente da vida humana" (CATÃO, 1995, p. 63). É necessário superar as errôneas e muitas vezes limitadas definições de ética e propor uma ética da consciência e da liberdade em lugar da ética da lei e da obrigação.

Christopher Hitchens, em "Deus não é Grande, Como a Religião Envenena Tudo", (já falecido) afirma em seu livro, que:

"Hoje muitas religiões se apresentam a nós com sorrisos insinuantes e mãos estendidas, como um comerciante melífluo em um mercado. (...) Mas temos o direito de lembrar como elas foram bárbaras quando eram fortes e estavam fazendo uma oferta que as pessoas não podiam recusar."<sup>29</sup>

Para Platão, "Quem elimina a religião elimina a todo e qualquer fundamento da sociedade humana".

Aponta-se que livros didáticos católicos de ensino religioso confessional. Os dois primeiros destinados ao 1º e 2º ano e os dois últimos, ao 4º e 5º ano do ensino fundamental. "os livros estão sendo muito apreciados também fora do estado do Rio, por sua simplicidade e seu conteúdo bonito". Pudera, o principal ilustrador dos livros é o famoso cartunista Ziraldo os livros surgiram pela brecha aberta através da lei estadual 3.459/2000, que regulamentou o ensino religioso como confessional, nas escolas do Rio de Janeiro.

As obras desrespeitam a constituição, burlam a própria lei do ensino religioso, discriminam religiões afrodescendentes e representam um retrocesso em importantes conquistas de educadores e educadoras preocupados (as) com a diversidade do país. a visão de família apresentada nos livros católicos não contribui para nenhum dos avanços ainda necessários nesta área, pelo contrário, significa um grave retrocesso.

---

<sup>29</sup> Christopher Hitchens, *Deus não é grande: como a religião envenena tudo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010, p. 69.

O desrespeito ao povo-de-santo na página 56, do volume “a igreja de cristo”, destinado ao 5º ano do ensino fundamental, há uma afronta declarada aos praticantes de religiões afrodescendentes, diz o texto: “a umbanda não faz uso de sacrifícios de animais em seus rituais, porque respeita a vida e a natureza”, a afirmação, além de equivocada, discrimina.<sup>30</sup>

Quem diz por que é o presidente da associação brasileira dos templos de umbanda e candomblé, pai Guimarães: “a igreja católica possui carismáticos e progressistas, cada um com suas particularidades, mas publicamente, todos se assumem como católicos. a umbanda também tem vertentes, cada uma com suas características próprias. a umbanda é uma religião brasileira que mistura pajelança, candomblé, kardecismo, catolicismo, xamanismo, orientalismo cigano. Cada casa vai desenvolver uma linha mais de acordo com seu dirigente, mas todas são umbanda. nas mais próximas ao candomblé haverá a oferta de animais”.

Ressalta-se que um pai de santo relatou que, por exemplo: na comunhão deles oferece-se o animal. as partes que não pode comer vão para os despachos, a que se come alimenta o corpo e o espírito da comunidade porque é uma carne que foi vibrada com a energia, é o age um, o alimento consagrado pelos orixás, revela o umbandista.

Percebemos que todos os volumes, logo após as saudações há o espaço denominado “caro professor”. São 11 itens que definem um calendário de atividades e conteúdos para o professor de ensino religioso. Em maio de 2007, quando o papa bento XVI esteve por aqui, os principais jornais do país, divulgaram a tentativa do pontífice em fechar um acordo (o termo oficial é concordata) entre o Brasil e o Vaticano, para regulamentar os direitos da igreja no país, que já vem sendo negociado há algum tempo e contempla o patrimônio, o ensino e a formação religiosos. Os jornais divulgaram a firmeza do presidente Lula, que não assinou o acordo por defender o Estado laico, e a frustração de Bento XVI que este teria voltado à Roma prometendo insistir no assunto.

A Constituição brasileira garante a liberdade de crença e separa Estado e Igreja, mas prevê o ensino religioso no país, o que é uma gritante contradição. Ainda

---

<sup>30</sup> SANTORO, Dom Filippo (Coordd.Geral). **A Igreja de Cristo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

assim, apesar de modificado, o artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, assegura a diversidade religiosa e proíbe qualquer forma de proselitismo, que, segundo o dicionário Houaiss é “atividade ou esforço de fazer prosélitos (convertidos), catequese, apostolado”. Seu desejo é aprofundar o nosso erro, garantir a exclusividade total do ensino católico e retirar a possibilidade de opção do aluno crendo-se isso muito errado.<sup>31</sup>

A Diversidade continua como exceção, Que a maioria das escolas públicas se pareça como igrejas não chega a ser novidade. Em quase todas, os cartazes das Campanhas da Fraternidade já frequentavam as paredes.

Depois do ensino confessional, cimentada nas grades curriculares das escolas da rede pública do Rio de Janeiro, a educação religiosa (agora a católica e a evangélica) é reforçada e legitimada também no que Forquin chama de “cultura escolar”. Mas a hegemonia da primeira não chega a ser ameaçada. No calendário previsto pelos novos livros didáticos todos os marcam festividades católicas sendo que, para caracterizar o que a Igreja chama de “diálogo inter-religioso”, no mês de abril também se comemora o dia do Índio; em setembro, o ano novo judeu e, em novembro, claro, Zumbi dos Palmares. Tirando a comemoração judaica, as outras duas já existiam. A novidade é o aumento significativo das festas católicas. Para se ter uma ideia, em junho vai se comemorar o Dia do Papa e, em agosto, o Dia do Pároco.<sup>32</sup>

Não é à toa que muitas crianças de religião afrodescendentes são discriminadas. Essa divisão foi realizada com base em pesquisa feita em 2001, na rede pública de ensino estadual, que teria revelado que havia 65% de alunos católicos, 25% evangélicos, 5% de outras religiões e 5% sem credo (pesquisa pela secretaria de educação do estado do Rio de Janeiro 2007). Essa absurda realidade se tornou possível por dois motivos: a Igreja Católica há mais tempo empenhada em manter sua hegemonia, nunca abriu mão de ver a escola pública como um lugar de catequese, por outro lado, os setores laicos da educação se retiraram da batalha, incluindo sindicatos e associações.

É Tarefa primordial que o ensino religioso ajude a definir critérios e referenciais da autenticidade religiosa pelas quais as pessoas possam discernir nas

---

<sup>31</sup>GUEDES, Maristela Gomes de Souza. LIVROS DIDÁTICOS CATÓLICOS: O ENSINO RELIGIOSO E A DISCRIMINAÇÃO DE RELIGIÕES AFRO-DESCENDENTES Artigo científico, PUC-Rio.

<sup>32</sup>RELIGIÃO, PLURALISMO E ESFERA PÚBLICA NO BRASIL, MONTERO, Paula artigo científico p.48

múltiplas exteriorizações religiosas-culturais o que há de verdadeiro e legítimo em coerência com o sentido profundo do ser humano e das coisas, para poderem contribuir substancialmente na educação para a cidadania.<sup>33</sup>

Há algumas resistências importantes, como o Projeto de Lei número 1069/2007, de autoria do Deputado Estadual Marcelo Freixo que revoga a lei 3459/2000 e retira a confessionalidade do Ensino Religioso.

### 3.2 O OBJETO E OS OBJETIVOS DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NO CAMPO DO ENSINO RELIGIOSO

O objeto do ER é o fenômeno religioso nas suas diversificadas formas. Sobre esse ponto importante do objeto de estudo das Ciências da Religião que tem sua efetivação no campo escolar através do componente curricular de ER é importante observar que: “O objeto do Ensino Religioso é o fenômeno religioso, assumindo a conceituação de religião dada pelo latim *religio*, na forma de sua derivação: *relegere*, que em português significa ‘reler’.<sup>34</sup>

Portanto, os objetivos deste desenho curricular na escola perpassam por várias questões como da convivência harmoniosa até um maior diálogo entre as confissões religiosas e possibilitar ao aluno conhecer este universo religioso. Que é fundamental para a quebra de preconceitos enraizados em nossa cultura.

### 3.3 CONTEÚDOS E METODOLOGIA DO ENSINO RELIGIOSO

O Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER) surge com a proposta de definição de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Esses conteúdos foram sugeridos nos Parâmetros Curriculares do Ensino Religioso e se apresentam organizados de acordo com cinco eixos temáticos: Culturas e tradições religiosas; Textos sagrados; Teologias; Ritos e Ethos. Entretanto as metodologias

---

<sup>33</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**. Lisboa: Gradiva, 2005, p 44.

<sup>34</sup> OLIVEIRA, Lilian Blanck de; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; ALVES, Luiz Alberto Sousa & KEIM, Ernesto Jacob. Ensino Religioso como componente curricular. In: Ensino Religioso: no Ensino Fundamental. Cortez, São Paulo, 2007.

deste desenho curricular podem ser as mais variadas tendo em vista a diversidade de conteúdos e abordagens que este ensino suscita. Têm-se nesta área a oportunidade de trabalhar com religião e músicas sagradas, religião e jogos que tenham por temáticas, aspectos de religiosidade de uma cultura entendendo-se como metodologias de grande valor para a vida de cada aluno. Diniz, ressalta que:

O objeto do ensino religioso é o estudo das diferentes manifestações do sagrado no coletivo, seu objetivo é analisar e compreender o sagrado enquanto o cerne da experiência religiosa do universo cultural, que se contextualiza no cotidiano social de inter-relação dos diversos sujeitos.<sup>35</sup>

Segundo a Revista da Religião, descartam-se os modelos catequético e teológico para o ER, e sugere-se o modelo da Ciência da Religião como o único habilitado a sustentar a autonomia epistemológica e pedagógica do ER a nível de Brasil ainda muito escasso. Assim, o ER na rede pública de ensino será mais que educação da religiosidade (ou da espiritualidade); visará à educação do cidadão. Dimensão religiosa é algo presente no indivíduo e na sociedade Secundariamente, o ER até poderá contribuir com o discernimento e aperfeiçoamento da religiosidade dos próprios estudantes, mas esse não é seu pressuposto necessário.<sup>36</sup>

Observamos que para dar um passo importante que viria a seguir, com a investigação das tensões e da mútua relação entre Filosofia, Teologia e Ciência da Religião. Podemos considerar o discurso teológico como participante do aspecto multidisciplinar da Ciência da Religião? E os cursos de Teologia, não deveriam eles incluir em seus currículos a contribuição específica da Ciência da Religião? Uma vez encarados tais questionamentos, o próximo passo seria fazer um trajeto panorâmico por algumas das principais subdisciplinas da Ciência da Religião, a saber, a Antropologia da Religião; a História das Religiões; a Sociologia da Religião e a Psicologia da Religião, ou seja, todas essas disciplinas têm seus valores. É claro que cada uma delas merece uma apresentação à parte, mais pormenorizada.

---

<sup>35</sup> DINIZ, Waldeci de Castro, Ensino religioso uma contribuição na formação do caráter do ser humano, Monografia Fatebe 2010 p.33.

<sup>36</sup> LIGÓRIO, Afonso Maria Soares. Ciência da Religião, Ensino Religioso e Formação Docente. Revista de Estudos da Religião. Setembro de 2009, p 1.

Mencionamos que é preciso destacar o quanto antes a preciosa contribuição que nos pode dar a Ciência da Religião na formação de pesquisadores multidisciplinares, principalmente quando se visa preparar o docente de Ensino Religioso.

Sustenta que, no entanto, dado o limitado espaço de que dispomos, hoje se contenta por enquanto apresentar três modelos básicos de ER: o catequético, o teológico e o da Ciência da Religião argumentando-se no meio evangélico usa-se o teológico.

Notamos a dificuldade que é certamente epistemológica, mas adentra o século 21 enredado em um lastro político nada desprezível. A tensão sempre esteve presente entre, de um lado garantir o legítimo acesso dos educandos ao ER, em nome do princípio da liberdade religiosa, e, de outro, preservar a laicidade do Estado, que não pode se comprometer com esta ou aquela denominação religiosa.

Não é este o lugar para tratarmos da real situação do ER em nosso país. Há interesses conflitantes em jogo como sempre na História do nosso país, da parte das igrejas e dos representantes do Estado; há perplexidade e mal-entendidos entre os próprios interessados e responsáveis diretos pela gestão do ER; pesa sobre o ER o agravante de suscitar problemas que permeiam as demais disciplinas e a própria gestão da escola. A despeito disso, há o impasse gerado em torno da questão da confessionalidade religiosa e da laicidade do Estado muitas vezes confundida.<sup>37</sup>

O estudo da religião deve abrir para a discussão sobre as práticas de que: discriminação étnica e religiosa é tratar de identidade, autonomia, alteridade, valores, tradições, símbolos, indivíduos, coletividades, singularidades, pluralidades. É tratar também de fronteiras, relações intra e inter-grupos, inclusões, exclusões.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Revista de Estudos da Religião – REVER. **Ciência da Religião, Ensino Religioso e Formação Docente**. Afonso Maria Ligorio Soares.

<sup>38</sup> FIGUEIRA, Eulálio revista brasileira de ciências da religião p.149 ano 1 n/1 dossiê de identidades religiosas e história.

### 3.4 O ENSINO RELIGIOSO COMO ÁREA DE CONHECIMENTO

Considera-se que o fenômeno religioso constitui atualmente um aspecto que tem suscitado e renovado interesse por um expressivo grupo de pessoas. O retorno ao Sagrado e à busca de experiências espirituais, muitas vezes carregadas de misticismo, devocionismo e magia, situam-se no horizonte das profundas e rápidas transformações que atingiram a sociedade nos últimos tempos.<sup>39</sup>

O fim das grandes ideologias do século XIX e XX, assentadas nos mitos do progresso sem limites, da democracia plena, da justiça societária, da liberdade irrestrita e do conhecimento total, determinou a crise das perspectivas unitárias que norteavam as ações e os projetos das pessoas.

Como reação a situações de desorientação generalizada provocadas, na sociedade contemporânea, pelo aumento da complexidade decorrente da acentuada diferenciação dos âmbitos de significado e pelo pluralismo das fontes de produção dos valores e dos modelos culturais, [...] tanto os indivíduos quanto os grupos sociais têm dificuldade para achar referências de sentido suficientemente unitárias e coerentes e, por isso, são levados a procurar novas formas de integração e de identificação, cuja função é justamente reduzir tal complexidade.<sup>40</sup>

Segundo Catão (1995) educar para o transcendente requer educar para dar sentido à vida. Assim, a educação religiosa deve ser construída não a partir da religião, mas do ser humano, que é ao mesmo tempo uno e plural, devendo a escola trabalhar a partir da criatura, visando acima de tudo ao aprendizado em lugar da transmissão de ensinamentos. Isso requer iniciar o homem/mulher, pessoal e comunitariamente, na percepção da transcendência. Ou seja, a partir não de uma religião particular, o que tornaria o ensino proselitista, mas sim da própria vida e dos valores culturais que caracterizam o ambiente humano.

Cabe então ao Ensino Religioso, na pessoa do profissional que desempenhe a função de mediador entre as culturas, instigar a busca da compreensão do fenômeno religioso, perceber suas dimensões e abordá-las no sentido, não desqualificando nenhuma crença, mas abordando a diversidade de origens de tais construções ao longo do tempo.<sup>41</sup>

<sup>39</sup> Evilázio Francisco Borges Teixeira, Marisa Campio Müller, Juliana Dors Tigre da Silva. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Organizadores: Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p 91.

<sup>40</sup> CRESPI, Ethos e religião artigo científico p.3SEEHABER, Liliana Claudia PUC/PR e LONGUI, Miguel PUC/Paraná

<sup>41</sup> Ibid p.10

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (PCNER, 1998) é no diálogo que se estabelece a possibilidade da democratização da função social e cultural da escola, garantindo aos educadores a possibilidade de estabelecer este diálogo. Essa interação trabalhada nos capítulos iniciais desta mesma.

De fato, o oferecimento do ensino religioso nas escolas públicas não pode ser tratado simplesmente como mais um componente curricular. Por trás desse tema está encoberta uma série de questões bem mais amplas, como a que envolve a dialética entre secularização e laicidade no interior de contextos socioculturais específicos.

Pensa-se, tal fato nos remete a uma discussão que emerge da vida pública, desde a instauração da República: a que se refere aos distintos sentidos atribuídos à noção de laicidade do Estado (especificamente, o estatuto da religião na escola), bem como ao direito da liberdade religiosa garantido pela Constituição brasileira.

Dialogar pressupõe que partes distintas entrem em relação, conheçam-se e estabeleçam vínculos de participação no mundo. Sem com isso, necessariamente, ocorrer a perda da identidade inicial *ethos* de qualquer uma das partes ou negar a possibilidade de transformação de ambas as partes. Este fato pressupõe um processo de vontade pessoal, de abrir-se a outras posições no quadro das diferenças.

A justificativa teológica do ER vem contextualizada e respaldada por uma cosmovisão religiosa moderna que supera a visão de cristandade e de expansão proselitista, e busca oferecer um discurso religioso e pedagógico no diálogo com a sociedade e com as diversas confissões religiosas.<sup>42</sup>

Deste contexto educacional entendemos que o ensino religioso deveria ser uma exigência indispensável de pleno desenvolvimento. Sendo uma perspectiva objetiva, o ensino religioso estuda o fenômeno religioso enquanto patrimônio religioso local ou universal, perpassando as culturas de todos os tempos e lugares presentes nas culturas de todos os tempos e lugares na história da humanidade.

---

<sup>42</sup>PASSOS,, João Décio. Ensino Religioso: mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas. Paulinas, São Paulo, 2007, p.30

Art.33 O ensino religioso de matéria facultativa, é parte integrante da formação do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental assegurado o respeito diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

1º- Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos de ensino religioso e estabelecerão às normas para habilitação e admissão dos professores.

2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas para a definição dos conteúdos do ensino religioso<sup>43</sup>

Como destacou em sua visão Jung Mo Sung, é contraditório falar em religião e em debate crítico, sensato e razoável isto é verdadeiro. A religião seria o campo do irracional e dogmático principalmente em se tratando de conteúdo de ensino religioso ouvindo os vários segmentos religiosos. Haveria um abismo insuperável entre as ciências, a razão e a religião. Mas as experiências históricas mostram que isso não é verdade. Existiram, e ainda existem, é claro, grupos religiosos dogmáticos e irracionais.<sup>44</sup>

Um dos motivos pelo qual é difícil conversar sobre Deus e a religião é o fato de serem tratados de modo bastante “dogmático”. As pessoas não aceitam discutir racionalmente, com bom senso, essas coisas isso razoavelmente é mais difícil. Geralmente são debates apaixonados ou debochados ou então – o mais raro – ocorre uma simples troca de informações, onde cada participante expõe sua posição ou seu credo, e os outros respeitosamente não criticam ou debatem.

A opção religiosa concreta por um determinado credo, caso isso venha a ocorrer, deve ser posterior a esse debate mais amplo e aberto. Essa experiência de debate plural é uma rica experiência de tolerância com outros que pensam diferente em temas existencialmente tão importantes.

O debate da religião e os estudos dela e sobre ela, na sala de aula, nos levará mapear os caminhos que constroem a humanidade – como dizia Lavinas – , ou no dizer de Rorty os que nos fazem mais cruéis. Assim, religião não é para que nos tornemos mais dignos, mas menos inumanos ou menos cruéis, pois por ela

---

<sup>43</sup>Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ( Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996), art.33, modificado pela lei 9.475 de 22 de julho de 1997. Note-se que a constituição, edição do senado Federal de 2013, o verbo “constituir” é conjugado no futuro constituirá disciplina.

<sup>44</sup>SUNG, Jung Mo , religião e educação artigo científico pg.1

perceberemos nossas contingências o que nos afastará de considerar que algumas afirmações serão mais humanas do que outras.<sup>45</sup>

O estudo da religião deve abrir para a discussão sobre as práticas de que: discriminação étnica e religiosa é tratar de identidade, autonomia, alteridade, valores, tradições, símbolos, indivíduos, coletividades, singularidades, pluralidades. É tratar também de fronteiras, relações intra e inter-grupos, inclusões, exclusões.<sup>46</sup>

O Ensino de religião não deve estar para formar cidadãos nem mais conscientes nem tão pouco mais responsáveis. Tratar da religião na sala de aula significa enfrentar as grandes questões que afetam a forma como homens e mulheres nesta nossa sociedade constroem suas razões efetivas para viver como vivem e porque vivem. Discutir religião já nas séries iniciais da educação formal significa assumir a necessidade de perceber que a vida não está posta somente na necessidade de construir modos de coesão social.<sup>47</sup>

O FONAPER vem se dedicando a promover encontros e campanhas, a elaborar documentos e publicações, a definir parâmetros curriculares e formas de capacitação para o ensino religioso e seus ministrantes.<sup>48</sup>

Para alguns, a questão é puramente pedagógica, e não religiosa (JUNQUEIRA 2002) para outros, é eminentemente política; para outros ainda, é religiosa, no sentido da interferência que causa no campo religioso. Mas é preciso lembrar que todas essas dimensões estão relacionadas.

Comenta-se para um Ensino religioso legitimado segundo a LDBEN<sup>49</sup>, faz-se necessário que a ética da alteridade esteja presente em todas as instâncias. A atitude do professor deve ser de acolhida, predisposto para uma vivência contínua da manifestação constante do “totalmente outro”.

A conduta ética como mediador exige do (a) professor (a) desconstrução de qualquer preconceito, qualquer juízo de valor, ausência completa de nivelamento comparativo de conhecimento entre ele e o (a) aluno (a). Não basta o professor

---

<sup>45</sup> RORTY, Richard. Contingência, Ironia e Solidariedade. Lisboa, Editorial presença, 1992b

<sup>46</sup> FIGUEIRA, Eulálio revista brasileira de ciências da religião p.7 ano 1 n/1 dossiê de identidades religiosas e história, Puc, São Paulo

<sup>47</sup> REVISTA LUSÓFONA DE CIÊNCIA DAS RELIGIÕES – Ano VI, 2007 / n.º 12 – 193-201, p 6.

<sup>48</sup> O FONAPER (Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso) tem por objetivo, segundo o artigo 3º de seu estatuto, “consultar, refletir, propor, deliberar e encaminhar assuntos pertinentes ao Ensino Religioso (ER).

<sup>49</sup> LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – LDBEN (LEI Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996).

respeitar a diferença, é preciso saber conviver e aceitar o diferente, manifestado no rosto do outro com “alterconsciência”.<sup>50</sup>

Ser um professor de Ensino Religioso tendo como conduta a ética da alteridade requer a superação completa do eu (ego), colocando-se tão somente como condição primeira à condição do outro. Para isso não podem existir dogmas religiosos pré-estabelecidos, nem instituições religiosas que definem e estabelecem regras de conduta e comportamento dos seus adeptos.

É inadmissível que existam educadores da formação de ensino religioso que não respeitem outras religiões fora do que ele confessa ou acredita como trabalhamos acima o ensino religioso, desrespeitando as pessoas ou as suas práticas cúlticas da religião que professa, todas as religiões devem ser sim respeitadas como Clóvis Maciel e Jorge Shemes em seu trabalho ressalta deve-se aprender a conviver com as diferenças e não se enumerar de preconceitos.

### 3.5 O PROSELITISMO DO PROFESSOR DE ENSINO RELIGIOSO

Segundo academia brasileira de letras o proselitismo significa diligência em fazer prosélitos, em recrutar novos adeptos.<sup>51</sup>

Afirma-se que nas escolas católicas também deve ser respeitada, como noutros lugares, a liberdade religiosa dos alunos não católicos e dos seus pais. Evidentemente, isso não impede o direito-dever da Igreja “de ensinar e testemunhar publicamente, por palavra e por escrito a sua fé”, tendo em conta que “na difusão da fé religiosa e na introdução de novas práticas, deve sempre evitar-se todo o modo de agir que tenha visos de coação, persuasão desonesta ou simplesmente menos leal” (Carta circular n. 520/2009 aos presidentes das conferências episcopais sobre o ensino da religião na escola, Vaticano 5 de Maio de 2009, Zenon Card. GROCHOLEWSKI,).

---

<sup>50</sup> PELIZZOLI, Marcelo Luiz. O dizer da alteridade além do ser: Lévinas e o sentido de conhecimento e linguagem. In Revista Veritas. Porto Alegre: V 47, N° 2, Junho 2002, p. 145-158.

<sup>51</sup> Dicionário da língua portuguesa, Academia Brasileira de Letras 2ªed São Paulo: Companhia Editora Nacional.

O termo proselitismo, segundo Houaiss (2001), designa o intento, a diligência e o empenho consciente de converter uma ou várias pessoas a uma determinada causa, ideia ou religião. Neste sentido, a Lei nº. 9.475/1997 veda qualquer prática de proselitismo nas aulas de Ensino Religioso, uma vez que o objetivo da disciplina é disponibilizar conhecimentos que valorizem e promovam o reconhecimento de todas as tradições religiosas, por meio do exercício do diálogo, da pesquisa, do estudo, da construção, da reconstrução e da socialização dos saberes, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos.

Segundo o Fonaper, o termo discriminação significa “distinção, exclusão ou restrição baseada em raça, cor descendência ou origem nacional ou étnica que tenha o propósito ou o efeito de anular ou prejudicar o reconhecimento, gozo ou exercício em pé de igualdade de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio da vida pública” (Art. 1º da Convenção Internacional sobre a eliminação de todas formas de Discriminação Racial, 1966).

Poder-se-ia concluir, portanto, que uma educação atenta aos desafios contemporâneos não pode se guiar por uma prática proselitista, uma vez que, sem estimular o conhecimento e o diálogo entre os diferentes, produziria processos discriminatórios.

O Ensino Religioso, tal como proposto no Art. 11 do Acordo, de caráter confessional, não consegue atender a abrangência dos desafios de uma sociedade democrática e diversa no aspecto religioso, ao propor que, no espaço da escola pública, fiéis católicos tenham “ensino religioso católico”, os “de outras confissões religiosas” também o tenham com seus semelhantes de fé.<sup>52</sup>

O ensino religioso em sua implementação ao laicismo, agora com as diretrizes atuais da legislação ele tem sua referência e fundamentação religiosa no ser humano e a serviço da proteção da vida. Tal ensino se situa numa realidade e numa linha de pensamento mais profundos que os da laicidade Estatal não se opõem a essa laicidade e nem se articula com ela, em vez de ser entendido e

---

<sup>52</sup> Coordenação do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso – FONAPER. CARTA AOS PROFESSORES DE ENSINO RELIGIOSO.

efetivado como sectarização e proselitismo constituem pelo contrário parte integrante de todo ensino como exigência de desenvolvimento humano total.

O ensino religioso assume os princípios fundamentais da República Federativa do Brasil, explicitados na constituição de 05 de outubro de 1988, promulgada sob a proteção de Deus não se opõem ao disposto do artigo 19 da mesma constituição pelo fato de não se identificar com nenhuma denominação religiosa e com nenhum agrupamento ou movimento da mesma índole.

Este ensino religioso é parte integrante da educação de todo o cidadão visando a seu pleno desenvolvimento e a seu preparo para o exercício da cidadania como prescreve na carta Magna e na lei de diretrizes e bases da educação nacional<sup>53</sup>.

Ao referir-se sobre o profissional do Ensino Religioso precisa considerar a realidade plurirreligiosa e multicultural do ambiente escolar, não sendo possível privilegiar uma concepção cultural ou religiosa específica, nem reforçar ideias homogeneizadoras.

Enfatizando que é preciso levar em conta a experiência e vivência de todos os alunos e todas as alunas. Cada criança ou jovem, ao ingressar na escola, traz consigo valores e comportamentos, crenças, cosmovisões que fazem parte da cultura ou religião de seu grupo.

O professor e a professora precisam valorizar essas vivências e trabalhar a partir delas nisto presenciei na minha pesquisa com a professora e o aluno do pesquisado. Sendo imprescindível que cada criança ou jovem veja sua experiência e sua significação representada no conteúdo geral da disciplina. Neste aspecto também é importante que levem em conta as questões de gênero, considerando-as em sala de aula, pois são várias religiões e credos neste local.

As atuais reflexões sobre a formação de docentes de qualquer disciplina estão sendo vistas sob novo prisma, que questiona a suposta neutralidade do educador e da educadora. Busca-se entender e valorizar o processo pessoal do professor e da professora mergulhada na cultura pedagógica e

---

<sup>53</sup> RUEDELL, Pedro Fundamentação antropológico cultural da religião segundo Paul Tillich, dissertação de mestrado da Unisinos, São Leopoldo Rio Grande do sul.p13

institucional da escola e encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais.<sup>54</sup>

Relata-se que o Ensino Religioso precisa trabalhar na perspectiva da diversidade cultural religiosa, sem proselitismo combatendo atitudes discriminatórias que silenciam, afastam e estigmatizam expressões religiosas - criando, por sua vez, formas alternativas de relações sociais, baseadas no diálogo. O diálogo sempre implica a existência de mais de uma palavra ativa, que é pronunciada, ouvida, valorizada e aprendida.

Percebemos que é necessário garantir que todos tenham o direito a ela seja quem for ou até um ateuista tem e deve ter o seu valor. O Ensino Religioso, portanto, é um espaço de exercício do diálogo inter-religioso, de uma forma democrática, consciente e respeitosa, que leva à mútua aprendizagem.

O perfil de professores que, ao invés de catequistas, “pregadores de sua própria religião”, seriam especialistas do ER, em que pesem as dificuldades implicadas nesta definição.

Segundo A Constituição Brasileira ela garante a liberdade de culto e a nova Lei de Diretrizes e Bases que abre espaço para um ensino religioso interconfessional (Art. 33). Reforçando a nova redação foi dada a esse artigo, em 20/12/96, para assegurar “o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”.

Eis pois como o professor tem as suas funções. A sua representação oficial prolonga-se ate onde ele for, penso desta maneira. Dada, pois a faculdade de ensinar a religião, em qualquer parte onde ele o fizer, fará oficialmente. E´ a sua posição de mestre que, sem violência, levava o aluno as lições de doutrina. Basta que o menino saiba que indo a Igreja, agrada ao mestre, para que, sendo um bom menino, um discípulo extremoso, não falte as aulas do catecismo. Pergunto, isto se dando, não estará o professor exorbitando de suas funções, abusando do seu prestígio oficial e moral, por impor suas ideias a sociedade em que convive? (...) Outro argumento: Que se dirá de um professor que ande pelas ruas e praças de sua localidade, as dez horas, tardes momentos de noites mortas, violão aos braços, dedilhando versos a pálida visão dos seus amores? – Que este professor não e, na significação do termo próprio; se o fosse guardaria a compostura das suas funções. E o mesmo dir-se-á de um rapaz que seja, por exemplo, um coletor? Não. Mais feliz do que nos, ele pode cantar ao violão e deleitar-se nas serenatas, porque não tem prolongada consigo, a representação oficial, que nos temos com os outros. Portanto, si o professor tem,

---

<sup>54</sup>CLEDES, Markus, Monografia de Culturas e Religiões: Implicações Para o Ensino Religioso, Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Ensino Religioso, do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, da Escola Superior de Teologia. Est São Leopoldo Rio grande do sul p.43.

acompanhando-o a representação de seu cargo, em qualquer ocasião; se ele ensinar religião o faz oficialmente, porque, quando não o seja, pode-se presumir, que, devido a sua força moral sobre os meninos, ele consegue trazer-los ao ensino da doutrina. Isto estaria, peço permissão para dizê-lo, a prevaricação moral do professor, o abuso de confiança no cargo que exerce.<sup>55</sup>

O ensino religioso passou a ter uma designação específica – confessional, contrariando toda a discussão até então mantida pelo FONAPER e por orientações similares. Modelos alternativos ao confessional foram implementados em outros estados da federação. Mostrando uma falsa ética e também desrespeito com a instituição.<sup>56</sup>

Nota-se caso especial como no Estado do Rio de Janeiro veda-se o proselitismo, mas permanece a determinação de que o Estado deve apoiar as definições das autoridades religiosas e o respeito ao pluralismo fica vinculado à demanda dos alunos e à oferta de professores por parte do governo estadual.

É evidente que os manuais não podem, nem devem, ser compêndios de história das religiões, mas é essencial que o aluno possa entender desde o início a importância da religião no mundo e no ser humano e que esta não seja vista apenas como a causa de guerras e atrocidades. Que os manuais sejam capazes de dar conta, com seriedade, da abrangência e vastidão do mundo religioso, da sua presença nos diversos continentes, na Europa e em Portugal. (MUCZNIK, 2006, p.14)

A constituição brasileira através da Lei de Diretrizes e Bases abre espaço para um ensino religioso interconfessional (Art. 33). Nova redação foi dada a esse artigo, em 20/12/96, para assegurar “o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”. A resolução de 27/7/2001, do conselho Estadual de Educação, regulamenta este artigo e propõe um programa aberto:

O ensino religioso nas escolas deve, antes de tudo, fundamentar-se nos princípios da cidadania e de entendimento do outro. O conhecimento religioso não deve ser um aglomerado de conteúdos que visam evangelizar

---

<sup>55</sup>Carvalho, Carlos Henrique, educação, religião e república: repercussões dos debates entre católicos e republicanos no triângulo mineiro-mg (1892-1931). Artigo científico p.14

<sup>56</sup> LUI, Janayna Alencar. Em Nome de Deus: um estudo sobre a implementação do ensino religioso nas escolas públicas de São Paulo. Florianópolis: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

ou procurar seguidores de doutrinas, nem associado à imposição de dogmas, rituais ou orações, mas um caminho a mais para o saber sobre as sociedades humanas e sobre si mesmo.<sup>57</sup>

Ainda hoje, em diversos setores religiosos do mundo ocidental e oriental, há remanescentes poderosos dessa tendência doutrinante que as religiões sempre tiveram discriminação contra outras formas de crença que não a sua ou mesmo contra os descrentes; a pressão do grupo para adotar determinadas ideias, práticas e comportamentos; A obrigatoriedade de se participar de ritos ou práticas religiosas da maioria; e acima de tudo, a permanente violência que as majorias e as ortodoxias praticaram sobre as minorias e as heresias — tudo isso traumatizou de tal forma as consciências livres, que o tema do ensino religioso provoca fortes reações em algumas pessoas e pode fazer parecer o programa esboçado acima como ingênua utopia.

Alguns pontos cruciais devem ser vencidos na mentalidade que vigora no seio das religiões, para que sejam possíveis uma convivência mais amistosa e a existência de educadores capazes de atuar nesse delicado terreno sem violentar consciências.

O primeiro fantasma que se deve afastar é o do preconceito. Como a própria palavra exprime, o preconceito é um conceito a priori, pré-estabelecido antes de análise, estudo e reflexão. Como foi importante observara preocupação da professora na escola pública ensinada por ela de respeito a todas as religiões seja qualquer uma sem usar o proselitismo pra sua religião. Por isso existe um certo medo de diferente discriminações socialmente propagadas e opiniões distorcidas de muitos educadores preconceituosos que podem formar em nossa mente idéias errôneas e julgamentos apressados, generalizações simplistas e rigidez de pensamento.

Essa atitude — que se pode exprimir em associações do tipo: “crente-fanático”; “espírita-macumbeiro”; “adepto do candomblé - adepto do demônio”; “católico carola”; mais recentemente “muçulmano-terrorista” — cria uma barreira mental que nos impede de enxergar as riquezas e as nuances da realidade.

---

<sup>57</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 1997.

O educador que se preze deve se despojar de tais viseiras e passar a olhar o outro (mesmo o outro diferente), com o olhar da compreensão humana e do interesse de aprender. O melhor antídoto do preconceito é o conhecimento. Pode haver muito que nos choque e nos desagrade na religião alheia, mas sem nenhuma dúvida haverá muito que nos encante e nos fale ao coração. É no terreno dos encontros que devemos fixar o nosso olhar e achar o fio condutor do diálogo.<sup>58</sup>

Em outras palavras, nada mais nocivo e injusto do que dizer: “fora da minha religião, não há salvação”. Quem pensa assim se arroga uma competência de julgamento que só pertence a Deus e não está muito longe da mentalidade inquisitorial do passado. Partindo-se desse princípio, não há diálogo possível. Contudo apesar de toda a atividade se desenvolver dentro do máximo respeito a todas as posições religiosas. Tomava-se na pesquisa do educador o cuidado de explicar sempre: segundo a Igreja Católica, segundo o Islamismo, segundo o Budismo, além de promover entre os alunos a pesquisa nas próprias fontes.

### 3.6 O QUE O ACORDO ALTERA NO ENSINO RELIGIOSO BRASILEIRO? <sup>59</sup>

É importante lembrar que o Ministério da Educação e Cultura – MEC se posicionou contrário à redação do art. 11, do acordo Brasil - Santa Sé. Em junho, a Coordenadoria de Ensino Fundamental do MEC disse que o acordo fere a legislação, uma vez que esta não menciona nenhuma fé específica e veda o proselitismo. Isto foi também noticiado no Jornal A Folha de S. Paulo no dia 08/09/2009.

Existe no texto do artigo 11 do Acordo, entre vírgulas, a expressão: “católico e de outras confissões religiosas”. Estes argumentos até poderão ser utilizados por quem gostaria de defender a criação de um Ensino Religioso confessional, entretanto, estas modalidades de Ensino Religioso: confessional e interconfessional foram alteradas pela Lei nº. 9475/97, que passou pelo Congresso Nacional e foi sancionada pelo então Presidente da República.

Portanto, o (a) educador (a), de Ensino Religioso permanece na perspectiva da Escola, ou seja, de acordo com o artigo 210 da Constituição Brasileira e o artigo

<sup>58</sup>INCONTRI, Dora e BIGHETO, ROUSSEAU, Jean-Jacques. O Euvres Complètes.Vol. 4. Paris. Gallimard, 1967. Alessandro César. Artigo científico ensino religioso sem proselitismo. p.609

<sup>59</sup> INCONTRI, Dora e BIGHETO Alessandro César. Artigo científico ensino religioso sem proselitismo.

33 da LDBEN (alterado pela Lei nº 9.475/1997), que legisla como e por quem deverá ser desenvolvido nas escolas brasileiras. A Legislação Brasileira para permanece inalterada!

O FONAPER tem defendido e orientado que o Ensino Religioso não deve ser entendido como ensino de uma religião ou das religiões na escola, mas sim uma disciplina embasada na Ciência da Religião e da Educação, visando proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto dos educandos, buscando disponibilizar esclarecimentos sobre o direito à diferença, valorizando a diversidade cultural religiosa não usando de articulações em benefício da sua religião presente na sociedade, Contudo no constante propósito de promoção dos direitos humanos (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE ENSINO RELIGIOSO, 1997).

#### **4. PESQUISA DE CAMPO UM ESTUDO DE CASO SOBRE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA À LUZ DO ENSINO RELIGIOSO**

Foi escolhido um grupo de alunos pela professora Maria do Socorro<sup>60</sup> de cinco turmas de uma escola de ensino fundamental do governo do estado do Pará no período vespertino e realizado algumas perguntas diante do seu aprendizado nesta disciplina e verificando se a aprendizagem estava sendo significativa, eis então a pesquisa:

Na turma 522 foram selecionados 8 alunos, na faixa de idade de 11-13 anos, de classe média baixa de bairros periféricos 20, de classe média 10 alunos de área de conjunto residencial, predominância negros e pardos, sendo 5 meninos e 3 meninas para participar desta pesquisa de estudo de caso 1º o professor avaliou em sala de aula o desempenho dos alunos: A qualidade dos Alunos 5 bom e 3 ótimos; a relação do aluno diante do conteúdo de ensino religioso, 6 participam ativamente e 02 têm se esforçado; seus trabalhos e avaliações 05 são bons 3 são excelente.

Os alunos entrevistados 08 tem a característica de serem muito esperto; das atividades que a professora Socorro propõem em sala de aula os 8 obedecem; desempenha as atividades 6 são participativo e 2 têm se esforçado; das tarefas realizadas em grupo os 8 conseguem dividir tarefas; da questão da avaliação 7 mostram-se seguro e 1 inseguro; a professora constata que 7 ela tem facilidade de compreender trabalhos.

No ponto máximo da pesquisa foi perguntada a professora se eles têm achado o conteúdo da matéria importante para o seu aprendizado os 8 sim disseram que sim; foi perguntado também se os alunos são aberto ou fechado a perguntas ela constatou que 6 sim são e 2 não são; da personalidade dos alunos os 08 obedecem o que pede a professora; por ter suas religiões constatou-se que 7 alunos fazem normal e 1 não devido a sua religião; Os alunos os 8 acham importante para a vida; tratando de ter uma religião a professora descobriu que os 8 acham importante ter uma religião.

---

<sup>60</sup> Funcionária pública do Estado do Pará.

O que obtivemos como objetivo máximo dessa pesquisa constatou-se que a aprendizagem significativa está tendo êxito 8 oito alunos disseram que sim. A margem de erro das perguntas e de 1 para mais ou menos de erro ou acertos.

Turma 821 foram selecionados 11 alunos, na faixa de idade de 14-16 anos sendo 5 meninos e 6 meninas para participar desta pesquisa de estudo de caso 1º o professor avaliou em sala de aula o desempenho dos alunos: A qualidade dos Alunos 8 bom e 1 regular; a relação do aluno diante do conteúdo de ensino religioso 4 participam ativamente 5 acham interessante, outros 1; seus trabalhos e avaliações 10 são bons, 1 excelente; os alunos entrevistados 11 tem a característica de serem muito esperto; das atividades que a professora Socorro propõem em sala de aula os 11 obedecem e desempenha as atividades; trabalho em grupo 09 são participativo e 02 tem se esforçado; das tarefas realizadas em grupo os 11 conseguem dividir tarefas; da questão da avaliação 05 mostram-se seguro ; a professora constata que 05 tem facilidade de compreender trabalhos.

No ponto máximo da pesquisa foi perguntada a professora se eles têm achado o conteúdo da matéria importante para o seu aprendizado os 11 ela disse que sim; foi perguntado também se os alunos são aberto ou fechado a perguntas ela constatou que 3 sim são fechados não gostam de participar e 8 são abertos; da personalidade dos alunos 8 deles obedecem o que pede a professora, 3 fazem o que querem; por ter suas religiões constatou-se que 11 alunos fazem normal as atividades sem problema com a sua religião e; Os alunos os 10 acham importante para a vida 1 não; Em se tratando de ter uma religião descobriu-se que os 11 acham importante ter uma religião como pergunta principal desse trabalho a aprendizagem da matéria de ensino religioso tem sido eficaz em sala de aula 09 disseram que sim e 2 não infelizmente.

Os que saímos com o objetivo máximo dessa pesquisa constataram-se a aprendizagem significativa está tendo êxito 8 oito alunos disseram que sim 3 que não. A margem de erro das perguntas e de 1 para mais ou menos de erro ou acertos.

Turma 822 foram selecionados 05 alunos, na faixa de idade de 14-16 anos sendo 1 menino e 4 meninas para participar desta pesquisa de estudo de caso 1º o professor avaliou em sala de aula o desempenho dos alunos: A qualidade dos Alunos 4 bom e 1 regular; a relação do aluno diante do conteúdo de ensino religioso 1 participa ativamente 3 acham interessante, 1 bom; seus trabalhos e avaliações 5 são bons ; os alunos entrevistados 04 e tem a característica de serem muito esperto

e 1 desligado; obedece das atividades que a professora Socorro propõem em sala de aula os 05 obedecem e desempenha as atividades; trabalho em grupo 3 são participativo e 2 tem se esforçado; das tarefas realizadas em grupo os 5 conseguem dividir tarefas dividir tarefas 1 é individualista; da questão da avaliação 05 mostram-se seguro ; a pesquisa constatou que 05 tem facilidade de compreender trabalhos.

No ponto máximo da pesquisa foi perguntada a professora se eles têm achado o conteúdo da matéria importante para o seu aprendizado os 05 ela disse que sim; foi perguntado também se os alunos são aberto ou fechado a perguntas a pesquisa constatou que 4 sim e um fechado ; da personalidade dos alunos 5 deles obedecem o que pede a professora; por ter suas religiões constatou-se que 05 alunos fazem normal as atividades sem problema com a sua religião ; 05 alunos acham importante o ensino religiosa para a vida ; Em se tratando de ter uma religião descobriu-se que os 05 acham importante ter uma religião.

Os que saímos com o objetivo máximo dessa pesquisa constataram-se a aprendizagem significativa está tendo êxito 05 alunos disseram que sim. A margem de erro das perguntas e de 1 para mais ou menos de erro ou acertos.

Turma 721 foram selecionados 03 alunos, na faixa de idade de 13-14 anos sendo 1 menino e 2 meninas para participar desta pesquisa de estudo de caso 1° o professor avaliou em sala de aula o desempenho dos alunos: A qualidade dos Alunos 2 ótimo e 1 bom; a relação do aluno diante do conteúdo de ensino religioso 3 participa ativamente seus trabalhos e avaliações 03 são bons ; os alunos entrevistados 03 tem a característica de serem muito esperto; das atividades que a professora Socorro propõem em sala de aula os 03 obedecem e desempenha as atividades; 3 são participativo ; Das tarefas realizadas em grupo os 03 conseguem dividir tarefas; da questão da avaliação 03 mostram-se seguro; a pesquisa constatou que 03 tem facilidade de compreender trabalhos.

No ponto máximo da pesquisa foi perguntada a professora se eles têm achado o conteúdo da matéria importante para o seu aprendizado os 03 ela disse que sim; foi perguntado também se os alunos são aberto ou fechado a perguntas a pesquisa constatou que 3 são abertos; da personalidade dos alunos 3 deles obedecem ao que pede a professora; por ter suas religiões constatou-se que 03

alunos fazem normal as atividades sem problema com a sua religião ; 03 alunos acham importante o ensino religioso para a vida ; Em se tratando de ter uma religião descobriu-se que os 03 acham importante ter uma religião e um não.

Os que saímos com o objetivo máximo dessa pesquisa constataram-se que a aprendizagem significativa está tendo êxito 03 alunos disseram que sim. A margem de erro das perguntas e de 1 para mais ou menos de erro ou acertos.

Turma 722 foram selecionados 04 alunos, na faixa de idade de 14-15 anos sendo 1 meninos e 3 meninas para participar desta pesquisa de estudo de caso 1° o professor avaliou em sala de aula o desempenho dos alunos: A qualidade dos Alunos 1 bom e 3 regular; a relação do aluno diante do conteúdo de ensino religioso 1 participa ativamente 3 acham interessante; seus trabalhos e avaliações 04 são bons ; os alunos entrevistados 04 tem a característica de serem muito esperto; das atividades que a professora Socorro propõem em sala de aula os 04 obedecem e desempenha as atividades; 4 são participativo ; Das tarefas realizadas em grupo os 04 conseguem dividir tarefas; da questão da avaliação 03 mostram-se seguro e 1 inseguro; a pesquisa constatou que 04 tem facilidade de compreender trabalhos.

No ponto máximo da pesquisa foi perguntada a professora se eles têm achado o conteúdo da matéria importante para o seu aprendizado os 04 ela disse que sim; foi perguntado também se os alunos são aberto ou fechado a perguntas a pesquisa constatou que 3 sim aberto 1 fechado ; da personalidade dos alunos 4 deles obedecem o que pede a professora; por ter suas religiões constatou-se que 04 alunos fazem normal as atividades sem problema com a sua religião ; 04 alunos acham importante o ensino religioso para a vida e 1 não; Em se tratando de ter uma religião descobriu-se que os 03 acham importante ter uma religião e um não.

Os que saímos com o objetivo máximo dessa pesquisa constataram-se que a aprendizagem significativa está tendo êxito 04 alunos disseram que sim . A margem de erro das perguntas e de 1 para mais ou menos de erro ou acertos.

#### 4.1. RESULTADO GERAL DE TODOS OS ALUNOS ENTREVISTADOS

- Total de turmas entrevistadas

Total geral: 5 turmas

8 alunos turma 522

11 alunos turma 821

05 alunos turma 822

03 alunos turma 721.

04 alunos turma 722

- Total de alunos entrevistados

31 alunos

- Professora entrevistada

1 professora de ensino religioso de escola pública

- Perguntas realizadas sobre o aluno: Eles são

Total geral:

19 bons

5 regulares,

5 ótimos

- Como é a sua relação de aluno diante do conteúdo de ensino religioso

Total geral:

15 alunos participam

11 acharam interessante

- Seus trabalhos e avaliações são:

Total geral:

27 bons

04 excelentes

- Atividades proposta pelo professor

Total geral; 31 obedecem

- Trabalhos em grupo

Total geral:

25 são bons

06 tem se esforçado

- Característica do aluno

Total geral:

30 esperto e 1 desligado

- Na avaliação

28 mostram-se seguros na situação da avaliação

03 mostram-se inseguros na situação da avaliação

- Tem facilidade de conhecer seus trabalhos por meio do conteúdo

Total geral:

31 tem facilidade

- O aluno tem achado importante o conteúdo da matéria importante para o seu aprendizado

Total geral:

31 importante

- O aluno tem achado importante o conteúdo da matéria importante para o seu aprendizado

Total geral:

31 importante

- Aprendizagem na sala de aula tem sido significativa segundo os alunos
  
- 31 alunos entrevistados disseram que sim

## 4.2 AGORA É A VEZ DE O PROFESSOR SER AVALIADO PELOS ALUNOS

Os aspectos levantados pelos alunos vêm a contribuir com este trabalho acadêmico o que os alunos acham da aula de ensino religioso, seu professor, sua postura em sala de aula e o nível de aprendizagem que os alunos tem mantido através do seu raciocínio lógico e para a vida nos dias atuais.

Foram entrevistados 7 alunos para avaliar a sua professora e como ele tem sido sua postura em sala de aula diante do ensino de religião ou ensino religioso. Foi constatado através de algumas perguntas que foram perguntadas que a:

- Sua professora 7 disseram que ela é boa
- A relação aluno com o professor 7 disseram que é boa
- Sua metodologia de ensino 3 excelente 1 ruim e 3 é boa.
- A seriedade como ela trata as religiões 7 disseram que sim
- Por acaso ela força a sua religião aos alunos 7 disseram que não
- Os alunos tem gostado da matéria lecionada pelo professor 7 disseram que sim
- A professora tem conseguido mostrar a importância da matéria 07 disseram que sim
- Os 7 alunos confirmaram que o professora motiva o alunado a conhecer mais sobre o assunto.
- O professor aplica o conteúdo a sua necessidade? 3 disseram que sim 1 que não e 3 disseram talvez.

## **5. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA BASEADO NO ESTUDO DE CASO TEM SIDO SIGNIFICATIVO NA MATÉRIA DE ENSINO RELIGIOSO?**

Que a aprendizagem foi ou não significativa confirmamos que sim, pois 31 alunos entrevistados confirmaram isto sendo muitos se esforçam para compreensão do conteúdo proposto pelo professor e muitos gostam da matéria achando até interessante.

Na pesquisa apesar dos alunos constatarem que aprendizagem tem sido significativa eles juntamente são considerados heróis diante da circunstância de falta de um ambiente escolar com pouca estrutura em sala de aula como sala abafada, alunos se abanando com muito calor, quadro que o professor não tem um simples apagador para apagar o quadro nos leva a uma reflexão como tem se levado a sério o ensino religioso e a educação no Brasil e no Estado do Pará.

Houve essa interação trabalhada pelo autor e que ainda por mais falta de estrutura física, material, laboratorial a disposição do professor ele é um grande milagreiro argumento isso por que em quarenta e cinco minutos levar um alunado a aprender significativamente a disciplina de ensino religioso ou religião como em muitas escolas neste Estado continental que é o Pará não é fácil, sem pensar que devido ao tempo bem pequeno às vezes o professor leciona não quarenta e cinco minutos mais meia hora ou vinte minutos, destaco o grande esforço e poder de interação da professora entrevistada enfatizando em tão pouco tempo, às vezes uma reunião, greve, um pedaço do intervalo tira esses quarenta e cinco minutos para mostrar aos alunos o assunto proposto.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Considera a partir da realização deste estudo eventualmente que:

Uma verdadeira aprendizagem significativa deve ter em primeiro lugar como Moreira foi bem enfático em destacar que a interação entre alunos x professores é uma comunicação, troca de ideias, autoconhecimento, estarem sensível a realidades de cada aluno, pois cada um é especial não importa o grau de dificuldade no seu aprendizado em qualquer área do conhecimento.

A visão crítica não deve ser desvalorizada pois em meio a algumas críticas há uma oportunidade de vencer as barreiras que possam cercar o ser humano, e o ajuda a crescer e amadurecer para superação de novos paradigmas e situações diversas. A visão crítica não deve ser usada como preconceito sobre qualquer credo religioso, embora se presencie nos meios os acadêmicos muitos preconceitos de todos os níveis exemplo este não ensinado por Jesus em seus ensinamentos.

Não se pode deixar de ressaltar que em meio a tantas as circunstâncias Jesus sempre se preocupou com a necessidade do povo, ele se importava com a carência do povo, ou seja, o que como Price descreve as necessidades do povo. Ele se preocupava com a verdadeira necessidade de cada um. Seu exemplo sempre nos impulsiona a segui-lo, e nos direciona a desejarmos ajudar ao nosso irmão e ao próximo, principalmente aqueles que vivem a margem da sociedade. Um ensino religioso significativo e que prossiga além da teoria de sala de aula, e faça com que essa aprendizagem significativa, leve a uma boa reflexão, e uma prática de preocupação, se o aluno aprendeu algo além do conteúdo para a sua própria vida. Seus ensinamentos eram claros e específicos, ele aproveitava ocasiões para plantar em cada coração a mensagem que cada um necessitava naquele instante.

Não podemos deixar de reafirmar que a Educação religiosa é uma disciplina descritiva e reflexiva sobre os fundamentos, costumes e valores das religiões existentes. E quando o aluno entende isso ele confirma e interage para ocorrer uma aprendizagem significativa no ensino religioso. Haja todas as dificuldades possíveis para trabalhar no contexto escolar se a escolar é ou não confessional e outras situações.

Não posso deixar de considerar sobre outro assunto trabalhado neste que é prática do proselitismo da entrevista realizada com os alunos 98% dos alunos entrevistaram destacaram que a professora consegue ser proselitista embora confesse alguma religião, mas sabe separar e respeitar cada religião ou segmento religioso levando os alunos a fazerem o mesmo. Em outro modelo mostra-se que muitos profissionais não conseguem seguirem o respeito às religiões e não conseguem ser proselitista mas acaba defendendo a sua religião em sala de aula algo muito errado, destaco muitos formados em ciências da religião ou outra área a como a pedagogia e a teologia onde se verifica muita falta de respeito a outras religiões.

Casos da influência do Vaticano nas escolas públicas principalmente com a cordialidade da santa sé com o governo brasileiro, com convênios firmados que pouco a mídia mostra ou a população desinteressada não sabe ou deixa passar, é algo a ser questionado, pois um país que se prega que somos um Estado laico parece ser muitas vezes utópico. Segundo Diniz ressalta que o objeto do ensino religioso é o estudo das diferentes manifestações do sagrado no coletivo nisto o respeito deve existir.

Sugestões:

Os professores interajam com seus alunos não só com a matéria mas procurando conhecer a realidade íntima e pessoal de cada aluno para que ocorra aprendizagem significativa.

Haja cobranças junto à diretoria escolar, conselho escolar junto com a comunidade com uma petição junto aos órgãos competentes por melhoria na infraestrutura da escola realizada a pesquisa.

As avaliações sejam mais criativas sejam voltadas para a realidade do aluno principalmente aqueles que pouco tempo tem para estudo.

Da compreensão do professor durante o ano letivo, que ele venha ser sensível a realidade difícil de cada aluno.

O professor não seja preconceituoso com qualquer religião que ele não venha ser proselitista ou venha forçar a sua religião aos alunos.

Não haja preconceito sobre qualquer credo ou religião, mas que haja o temor e respeito a cada religião por mais que as diferenças sejam muito diferentes do que se crê.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSUBEL, David Paul, Novak, Joseph e Hanesian, Helen. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BRASIL. SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Primeiro e Segundo Ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CATÃO, Francisco. **O Fenômeno Religioso**. São Paulo: Letras & Letras, 1995.

Carta da Coordenação, do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso – FONAPER.

CARVALHO, Carlos Henrique. **Educação, religião e república: repercussões dos debates entre católicos e republicanos no triângulo mineiro-mg (1892-1931)**. Campinas: HISTDOBR, 2006.

CLEDES, Markus, **Monografia de Culturas e Religiões: Implicações Para o Ensino Religioso**. Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Ensino Religioso, do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, da Escola Superior de Teologia. Est São Leopoldo, Rio grande do Sul, 2008.

CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. BAURU: EDUSC, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ethos e cultura no Ensino religioso**. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st6/Seehaber,%20LiLiana%20Claudia.pdf>. Acesso em 21 dez. 2013.

DINIZ, Waldeci de Castro, **Ensino religioso uma contribuição na formação do caráter do ser humano**. Belém: Fatebe, 2010

FERRAZ, Lara Sayão Lobato de. **A religião se aprende na escola**. s/d. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand16/laragp.htm>. Acesso em 13 dez. 2013.

FIGUEIRA, Eulálio. Por que ensinar sobre religião na sala de aula? **Revista Brasileira de História das Religiões**. a. I, n. 1. São Paulo: PUC, s/d.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**. Lisboa: Gradiva, 2005.

Houaiss, **dicionário da língua portuguesa**. Edição eletrônica.

LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

LIGÓRIO, Afonso Maria Soares. Ciência da Religião, Ensino Religioso e Formação Docente. **Revista de Estudos da Religião**. Setembro de 2009.

LUCKESI, Carlos Cipriano, **Avaliação da aprendizagem: estudos e proposições**. São Paulo, CORTEZ, 2011.

MONTERO, Paula. Religião, Pluralismo E Esfera Pública no Brasil. **Revista Novos Estudos**. São Paulo: Cebrap, n.74, p.47-65.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1999.

NOVAK Joseph D; GOWIN, D B. **Aprender a aprender**. Lisboa: Plátano Ed Técnicas. 1996.

OLIVEIRA, Lilian Blanck de; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; ALVES, Luiz Alberto Sousa & KEIM, Ernesto Jacob. **Ensino Religioso como componente curricular**. In: **Ensino Religioso: no Ensino Fundamental**. Cortez, São Paulo, 2007.

PASSOS, João Décio. Ensino Religioso: **mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas**. São Paulo, Paulinas, 2007.

PRICE J.M. **Pedagogia de Jesus o mestre por excelência**. Rio de Janeiro, sabre 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Euvres Complètes**. Vol. 4. Paris. Gallimard, 1967.

RUEDELL, Pedro **Fundamentação antropológico cultural da religião segundo Paul Tillich**, dissertação de mestrado da Unisinos, São Leopoldo Rio Grande do sul.

SANTORO, Dom Filippo (Coorrd.Geral). **A Igreja de Cristo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SALZANO, F Elcie; Moreira, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa: condições para ocorrência e lacunas que levam a comprometimentos**. São Paulo: Vetor, 2000.